

COMENTÁRIO  
EXEGÉTICO

GORDON  
D. FEE

# 1 CORÍNTIOS

## Sumário

<i>Prefácio da série Comentário Exegético</i> .....	xiii
<i>Prefácio à primeira edição em língua inglesa</i> .....	xvii
<i>Prefácio do autor à edição revisada em língua inglesa</i> .....	xix
<i>Prefácio do autor à primeira edição em língua inglesa</i> .....	xxi
<i>Reduções gráficas</i> .....	xxv
Introdução a 1Coríntios .....	1
Texto, exposição e notas.....	23
I. Introdução (1.1-9).....	23
A. Saudação (1.1-3) .....	24
B. Ação de graças (1.4-9) .....	34
II. Resposta a informações recebidas (1.10—6.20) .....	48
A. Uma igreja dividida — internamente e contra Paulo (1.10—4.21) ...	49
1. O problema: divisão em torno de líderes por causa da sabedoria (1.10-17) .....	55
2. O evangelho: uma contradição da sabedoria humana (1.18—2.5) ...	74
a. A loucura de Deus: um Messias crucificado (1.18-25).....	75
b. A loucura de Deus: os crentes de Corinto (1.26-31).....	89
c. A loucura de Deus: a pregação de Paulo (2.1-5) .....	101
3. A sabedoria de Deus — revelada pelo Espírito (2.6-16).....	112
4. Sobre ter o Espírito e estar dividido (3.1-4).....	142
5. Corrigindo uma ideia falsa de igreja e ministério (3.5-17).....	152
a. Líderes são apenas servos (3.5-9) .....	153
b. A igreja precisa ser edificada com cuidado (3.10-15).....	161

c.	Advertência àqueles que estavam destruindo a igreja, o templo de Deus em Corinto (3.16,17) .....	174
6.	Conclusão do assunto: todos são de Cristo (3.18-23) .....	181
7.	Os coríntios e seu apóstolo (4.1-21).....	189
a.	Sobre ser servo e ser julgado (4.1-5).....	191
b.	As marcas do verdadeiro apostolado (4.6-13).....	201
c.	Apelo e exortação (4.14-21) .....	222
B.	Imoralidade e litígio: casos paradigmáticos da crise de autoridade e o evangelho (5.1—6.20) .....	237
1.	O caso do homem incestuoso (5.1-13).....	240
a.	A decisão de Paulo: o homem precisa ser expulso (5.1-5).....	243
b.	O argumento da analogia: a Páscoa (5.6-8).....	263
c.	Corrigindo um “mal-entendido” (5.9-13).....	270
2.	Um caso de litígio (6.1-11) .....	280
a.	Vergonha para a igreja (6.1-6).....	282
b.	Vergonha para o demandante e advertência contra o infrator (6.7-11) .....	294
3.	Sobre ter relações com prostitutas (6.12-20).....	307
III.	Resposta à carta dos coríntios (7.1—16.12) .....	330
A.	Casamento e assuntos correlatos (7.1-40).....	333
1.	Aos casados (ou anteriormente casados): permaneçam como estão (7.1-16) .....	338
a.	Sem abstinência dentro do casamento (7.1-7) .....	339
b.	Viúvos e viúvas podem permanecer solteiros ou se casar (7.8,9) .....	357
c.	Casais cristãos não devem se divorciar (7.10,11) .....	362
d.	Cristãos casados com descrentes não devem se divorciar (7.12-16) .....	369
2.	O princípio orientador: permanecer na condição em que estava quando foi chamado (7.17-24).....	382
3.	Sobre as “virgens” (7.25-40).....	402
a.	O celibato é preferível, mas não obrigatório (7.25-28).....	405

---

b. Os argumentos de Paulo a favor do celibato (7.29-35) .....	417
c. Mas casar não é pecado (7.36-40) .....	434
B. Comida sacrificada a ídolos (8.1—11.1) .....	445
1. O fundamento da conduta cristã: amor, e não conhecimento (8.1-13).....	455
a. O caminho do amor e o caminho do conhecimento (8.1-3)..	456
b. O conteúdo do caminho do conhecimento (8.4-6) .....	463
c. O critério: cuidado pelos irmãos na fé (8.7-13) .....	472
2. A defesa apostólica de Paulo (9.1-27).....	492
a. Em defesa do apostolado de Paulo (9.1,2).....	494
b. Os direitos de Paulo como apóstolo (9.3-14).....	499
c. O comedimento de Paulo como apóstolo (9.15-18).....	520
d. A liberdade apostólica de Paulo (9.19-23).....	530
e. Exortação e exemplo (9.24-27) .....	544
3. Conclusão: não frequentar os templos (10.1-22) .....	554
a. O exemplo de Israel (10.1-5) .....	555
b. Aplicação do exemplo: advertência contra a idolatria (10.6-13) .....	566
c. A proibição e seu fundamento (10.14-22) .....	580
4. Sobre comer alimentos vendidos no mercado (10.23—11.1) ...	597
C. Mulheres e homens no culto (11.2-16) .....	616
1. Um argumento extraído da cultura e do sentimento de vergonha (11.2-6) .....	626
2. Um argumento extraído da Criação (11.7-12).....	645
3. Um argumento extraído do decoro (11.13-16).....	660
D. Abusos contra a ceia do Senhor (11.17-34).....	668
1. O problema: abuso contra os menos privilegiados (11.17-22)..	675
2. O problema: abuso contra o Senhor (11.23-26) .....	688
3. A resposta: discernir o corpo (11.27-32).....	704
4. A resposta: esperar uns pelos outros (11.33,34).....	715

E. Sobre os dons do Espírito e ser povo do Espírito (12.1—14.40).....	719
1. O critério: Jesus é Senhor (12.1-3).....	726
2. A necessidade de diversidade (12.4-31).....	737
a. Diversidade na Trindade e os dons (12.4-11) .....	738
b. O corpo: diversidade na unidade (12.12-14).....	758
c. Uma dupla aplicação da metáfora (12.15-26) .....	768
d. De novo: o fato da diversidade (12.27-31).....	778
3. O caminho mais excelente (13.1-13).....	790
a. A necessidade do amor (13.1-3).....	795
b. A natureza do amor (13.4-7).....	803
c. A permanência do amor (13.8-13).....	811
4. A necessidade de inteligibilidade na igreja reunida (14.1-25)..	825
a. O “dom maior”: profecia (14.1-5) .....	826
b. Analogias favoráveis à inteligibilidade (14.6-13) .....	835
c. Aplicação à comunidade dos crentes (14.14-19).....	844
d. Aplicação em prol dos descrentes (14.20-25).....	856
5. Diretrizes sobre os dons (14.26-40) .....	870
a. Diretrizes sobre as línguas e profecia (14.26-33).....	871
b. Conclusão: confronto e sumário (14.36-40).....	883
c. Sobre as mulheres permanecerem em silêncio (14.34,35) .....	890
F. A ressurreição dos crentes (15.1-58).....	906
1. O fundamento: a ressurreição de Cristo (15.1-11).....	911
2. A certeza da ressurreição (15.12-34) .....	935
a. Se Cristo NÃO ressuscitou (15.12-19).....	936
b. Mas Cristo ressuscitou, SIM (15.20-28) .....	945
c. Argumentos <i>ad hominem</i> a favor da ressurreição (15.29-34) .	963
3. O corpo da ressurreição (15.35-49) .....	981
a. Analogias com sementes e “corpos” (15.35-44).....	985
b. Analogia com Adão e Cristo (15.45-49) .....	995
4. A certeza da vitória (15.50-58).....	1007

---

G. Sobre a coleta (16.1-11).....	1023
1. Arranjos para a coleta (16.1-4).....	1025
2. Planos de viagem de Paulo e Timóteo (16.5-11) .....	1034
H. Sobre a ida de Apolo (16.12) .....	1042
IV. Assuntos finais (16.13-24).....	1045
A. Exortações finais (16.13-18) .....	1047
B. Saudações finais (16.19-24) .....	1056
<i>Bibliografia</i> .....	1065
<i>Índice de passagens bíblicas</i> .....	1095
<i>Índice de fontes extrabíblicas antigas</i> .....	1109
<i>Índice remissivo</i> .....	1115

## Prefácio da série *Comentário Exegético*

Conforme narrado no livro de Atos, o encontro entre Filipe e o eunuco etíope na estrada de Jerusalém a Gaza foi obra do Senhor (At 8.26-39). Esse etíope trazia consigo uma cópia de pelo menos parte das Escrituras e lia o livro do profeta Isaías. Ao ouvi-lo ler, Filipe indagou: “Entendes o que estás lendo?” (At 8.30).

Ao escrever um comentário, é difícil almejar propósito mais premente do que este: *achegar-se ao leitor das Escrituras para conduzi-lo à compreensão do significado do que lê* — e fazê-lo de modo não apenas informativo, mas também transformador. Esse é o objetivo da série *Comentário Exegético*, de Edições Vida Nova. Seu trabalho interpretativo não pode ter melhor razão para existir nem melhor objetivo. Serve ao propósito de conduzir o leitor à interpretação precisa do texto da Escritura, além de proporcionar um meio de confirmação e validação das interpretações às quais seu estudante tenha chegado no processo hermenêutico e exegético, com vistas à aplicação pessoal ou à exposição da mensagem escrita. Isso é necessário porque vivemos em um mundo caído e aflito que precisa de direção. Precisa, portanto, da Palavra de Deus.

Mas o caminho da leitura à prática nem sempre é direto e rápido. Para compreender o texto bíblico, são necessárias boas ferramentas, e entre as mais úteis estão os comentários bíblicos. Existem vários tipos de comentários. Os que integram a série *Comentário Exegético* são daqueles que se aprofundam na compreensão do texto original da Bíblia por meio de uma exegese detalhada, justamente com o propósito de levar o leitor das Escrituras à prática da vontade de Deus.

Assim, os comentários desta série apresentam as seguintes características:

- aliam profundidade acadêmica e facilidade de leitura;
- atendem às necessidades de pastores e demais pregadores da Palavra inspirada;
- são compreensíveis ao leigo interessado no conhecimento mais profundo da Escritura;
- são minuciosos no tratamento de cada texto, sem exagerar nos detalhes;

- tratam a exegese não como um fim em si mesma, mas como recurso para a compreensão do todo;
- apresentam informações das línguas originais de forma acessível;
- têm por objetivo entender cada perícopo em seu contexto, associando cada passagem ao que vem antes e depois;
- reúnem autores que pertencem a uma tradição teológica conservadora e são oriundos de diversas orientações dentro do universo evangélico;
- buscam representar o texto original de modo apurado, claro e que faça sentido para o leitor de hoje.

Além dessas características, há ainda aspectos que diferenciam os comentários que compõem esta série.

Primeiramente, e acima de tudo, ocupam-se do texto das Escrituras. Não significa dizer que não deem atenção ao longo desenvolvimento das pesquisas escriturísticas e ao debate acadêmico. Significa, antes, que se esforçam em apresentar um comentário *do texto* e não do debate acadêmico. Portanto, o principal resultado desse trabalho é um guia de fácil leitura, reservando para as notas de rodapé (ou “notas adicionais” ao final de cada seção) a interação com as questões críticas e a respectiva literatura técnica. Ocupar-se, porém, do texto das Escrituras não significa que a série tenha evitado certos métodos críticos ou tenha exigido que cada autor siga uma abordagem definida. Em vez disso, foram adotados as abordagens e os métodos necessários, sempre norteados pelo propósito maior de ajudar cada autor na tarefa de deixar claro o significado desses textos.

Em segundo lugar, os autores da série identificam-se conscientemente como seguidores de Cristo que leem as Escrituras a serviço da igreja e de sua missão no mundo. Ler as Escrituras dessa forma não significa garantir algum tipo específico de interpretação. Significa entender que, na história da interpretação, há épocas em que as Escrituras trazem uma palavra necessária de confronto, chamando o povo de Deus de volta a sua vocação. Já em outras ocasiões, as Escrituras oferecem uma palavra de consolo, lembrando o povo de Deus de sua identidade, de que ele segue a um Messias crucificado e serve a um Deus que vindicará os caminhos dele e de seu povo.

A terceira característica que distingue esta série é o fato de seus comentários reconhecerem que nossa leitura das Escrituras não pode estar descolada da realidade do mundo em favor do qual a igreja cumpre sua missão. Pois, como C. S. Lewis assinalou, e com razão, em seu conto *O sobrinho do mago*, “o que você ouve e vê depende do lugar em que se coloca”.<sup>1</sup> Esse lugar é o mundo em

<sup>1</sup>*As crônicas de Nárnia* (São Paulo: Martins Fontes, 2009), livro 1: *O sobrinho do mago*.



que estamos, o qual nos pressiona com perguntas que não deixam de instruir nosso trabalho de interpretação. Assim, não basta expor aquilo que Deus disse outrora, pois precisamos ouvir vezes sem conta aquilo que o Espírito, por meio das Escrituras, está dizendo à igreja hoje. Por conseguinte, precisamos examinar o significado teológico daquilo que lemos e como essa mensagem pode fincar pé no coração das pessoas.

Por último, a série *Comentário Exegético* foi elaborada por meio da seleção de volumes oriundos de algumas das melhores e mais atualizadas séries de comentários produzidas em língua inglesa. São obras que se situam em um ponto intermediário entre comentários mais críticos e acadêmicos — que incluem citações não traduzidas do grego, do aramaico ou do latim, por exemplo — e comentários homiléticos — os quais tentam trocar em miúdos como um texto das Escrituras pode ser transmitido, em forma de ensino ou pregação, à igreja reunida.

Nossa esperança é que aqueles que estão se preparando para ensinar e pregar a Palavra de Deus encontrem nestas páginas a orientação de que precisam. E que aqueles que estão aprendendo a fazer exegese encontrem aqui um exemplo a ser seguido.

É com imensa satisfação, portanto, que disponibilizamos à igreja brasileira esta preciosa série de comentários bíblicos.

## Prefácio à primeira edição em língua inglesa

Em conformidade com a política de manter atualizada a série *New International Commentary on the New Testament*, mediante revisão ou substituição, apresentamos um novo volume sobre 1Coríntios.

O volume original do NICNT sobre 1Coríntios foi um dos primeiros da série: foi publicado em 1953, sendo obra do veterano estudioso holandês dr. F. W. Grosheide, que por mais de quarenta anos havia ensinado Novo Testamento na Universidade Livre de Amsterdã. Desde seu surgimento, já se foi toda uma geração. O estudo de 1Coríntios — uma das cartas mais fascinantes de Paulo — continua sendo feito com grande entusiasmo. Novos problemas têm surgido e novas perguntas têm sido feitas, e o leitor de hoje espera encontrar alguma ajuda com respeito a todas essas questões.

O dr. Gordon Fee está totalmente a par dessas questões e é especialmente bem qualificado para dar a ajuda necessária. Ele é mais conhecido no mundo de estudos do Novo Testamento graças à sua especialidade em crítica textual, mas suas habilidades exegéticas têm sido continuamente postas em prática durante seu tempo como professor no Wheaton College, no Gordon-Conwell Theological Seminary (ambos nos Estados Unidos) e, agora, no Regent College, em Vancouver, Canadá, bem como em seu comentário das Epístolas Pastorais.

Ele trata as sucessivas seções de 1Coríntios com atenção especial para o lugar de cada uma no desenvolvimento geral da carta e de seu argumento; ele trata a própria carta no contexto da troca de correspondência entre Paulo e a igreja de Corinto, bem como em seu contexto histórico, cultural e social. Surgem aí algumas perguntas difíceis de responder no que diz respeito às pressuposições implícitas dos cristãos de Corinto — pressuposições que Paulo precisou levar em conta enquanto ditava a carta e das quais devemos ter consciência enquanto a lemos. Essa é uma carta de verdade (não uma composição literária disfarçada de carta): nela Paulo interage com homens e mulheres de verdade — questionadores bem articulados que dizem o que pensam. Os leitores que tentarem usar a carta

como manual de organização da igreja, como compêndio do culto público ou como um resumo de direito canônico para os dias de hoje não entenderão o propósito do texto; mas, sob a orientação do dr. Fee, compreenderão e talvez até mesmo aplicarão sua mensagem duradoura.

F. F. BRUCE,  
coorganizador da série  
*The New International Commentary on the New Testament*

## Prefácio do autor à edição revisada em língua inglesa

Já se passaram mais de 25 anos desde a publicação da primeira edição deste comentário. Muita coisa aconteceu durante esse quarto de século, além de o autor (que também foi editor da série) ficar de cabelo branco! Há duas razões principais para a presente revisão.

Em primeiro lugar, o comentário original se baseou na edição de 1978 da versão bíblica New International Version, que provavelmente foi mais insatisfatória nessa carta do que em qualquer outra parte de todo o cânon. Vim a descobrir as razões para isso quando, em 1990, fui convidado a participar da Comissão de Tradução da Bíblia (a comissão com responsabilidade exclusiva pela tradução em si). Essa comissão de quinze membros, na época constituída de nove estudiosos do Antigo Testamento e seis do Novo Testamento, tinha sido intencionalmente reunida para representar ao máximo a comunidade evangélica, mas na época também sem nenhuma mulher. A comissão reformulada, presidida durante os primeiros vinte anos por John Stek, professor de Antigo Testamento no Calvin Seminary, nos Estados Unidos, e hoje falecido, experimentou dificuldades em se adaptar a vários novos membros, em especial a um pentecostal (reconhecidamente) muito franco, que havia começado a ter uma experiência totalmente nova na área de estudos bíblicos. Isso acabou por ser um dos pontos altos de minha carreira acadêmica, com amizades duradouras e reuniões todos os anos para tentar organizar e analisar uma ainda vasta coleção de propostas de mudanças que haviam sido enviadas à comissão a pedido dela. Uma vez que ainda sou membro (mas agora, por motivos de idade, membro honorário [uma política acertadamente adotada pela própria comissão a fim de injetar “sangue novo” nela]), tive acesso ao texto de 1Coríntios um ano antes de a atual edição (2011) vir a lume. Tive, portanto, a satisfação de eliminar da primeira edição cerca de vinte notas de rodapé em que a tradução original parecia estar manifestamente incorreta.

Em segundo lugar, a quantidade de literatura técnica sobre essa carta tem aumentado de forma bastante regular; na verdade, tem aumentado tanto que não

posso afirmar que consultei toda ela para esta edição. Aliás, com respeito a artigos somente em periódicos acadêmicos, nos últimos 25 anos a bibliografia cresceu mais de 300% em relação a todo o material publicado nos dois séculos anteriores! Procurei ser exaustivo e justo com todos, mas aqui também preciso pedir desculpas aos muitos que procurarão em vão no índice por algo que escreveram.

Uma terceira mudança, provavelmente menos importante, em relação à primeira edição é uma preferência que surgiu em consequência de anos ensinando, escrevendo e ouvindo sermões — a saber, eliminar a linguagem de “capítulo e versículo”, um sistema de números absolutamente essencial para “encontrar as coisas”, mas que, fora isso, é totalmente estranho ao autor do primeiro século. Paulo escreveu as palavras em frases, que na cultura escrita de hoje também exigem parágrafos. Mas ele não escreveu “versículos”, uma linguagem que, de modo intrínseco, mas não proposital, gerou um uso errôneo das Escrituras que seria estranho ao autor original. Por isso, tentei deixar os números dentro de parênteses, em vez de usar essa linguagem no texto do comentário propriamente dito. Por si só, isso exigiu uma terceira e última leitura do texto, na tentativa de ser fiel a Paulo e ao mesmo tempo tentar ajudar o leitor a “encontrar as coisas” no restante da revelação bíblica.

GORDON D. FEE

*Quarta-feira de cinzas (22 de fevereiro) de 2012*

## Prefácio do autor à primeira edição em língua inglesa

A história dos acontecimentos que me levaram a escrever este comentário é longa e não precisa ser contada na íntegra aqui. Tudo começou quando ensinei uma disciplina sobre 1Coríntios no Wheaton College [nos Estados Unidos] em 1970, algo que desde então venho fazendo todos os anos, inicialmente no Wheaton College e, mais tarde, no Gordon-Conwell Theological Seminary [nos Estados Unidos]. A interação intensa com o texto e com a literatura sobre o assunto ao longo dos anos me levou a pensar que talvez houvesse espaço para mais um comentário — de um tipo ligeiramente diferente e com um ponto de vista ligeiramente diferente dos demais. Durante o verão de 1977, enquanto eu escrevia o *Guia de estudos* para aqueles que, em nível universitário, cursavam essa matéria pelo International Correspondence Institute (Bruxelas, Bélgica), o sonho se tornou mais real, e no prefácio daquela obra deixei transparecer meu desejo de escrever tal comentário. Mas foi no encontro anual da *Studiosorum Novi Testamenti Societas* em agosto de 1980 em Toronto que o sonho começou a virar realidade. Uma vez que a editora desta série de comentários estava no processo de substituir alguns de seus volumes mais antigos, naquela reunião abordei o professor Bruce, sugerindo a substituição do segundo volume da série, o comentário do professor F. W. Grosheide sobre 1Coríntios. A conversa resultou em uma proposta de William B. Eerdmans Jr. para que eu escrevesse o presente volume.

Uma palavra sobre o comentário propriamente dito. Minha pressuposição básica é que este é um livro dirigido a pastores, professores e estudantes de teologia. Por isso, procurei, acima de tudo, apresentar uma exposição compreensível do texto, em que o fluxo das ideias de Paulo, a relevância teológica dessas ideias e o significado das várias partes façam bom sentido ao leitor enquanto este se debruça sobre o texto. Comentários que são mais difíceis de entender do que a tradução bíblica em que se baseiam são anátema. Mas, ao mesmo tempo, estou bem consciente da comunidade acadêmica, a quem sou muito agradecido e que, assim espero, também considere proveitoso o empenho de consultar esta obra. Uma vez que tenho estado envolvido neste empreendimento durante tantos

anos, tenho interagido intensamente com boa parte da literatura técnica; essa dimensão do empreendimento se vê nas notas de rodapé. Quando eu estava perto de concluir este comentário, o periódico acadêmico *The Expository Times* (97 [1986], p. 263-7) publicou uma análise de comentários de 1Coríntios em inglês feita pelo professor John Ziesler. Estou de acordo com sua avaliação de que, dos comentários publicados antes de 1986, o de Barrett é o melhor, enquanto o de Conzelmann é indispensável para o leitor avançado. Tentei conscientemente incorporar os melhores elementos de ambas as obras.

O presente comentário exhibe vários aspectos peculiares. Em primeiro lugar, a natureza de 1Coríntios torna imperativo que o leitor veja como tudo se encaixa no contexto histórico-literário de cada parágrafo e também das seções maiores. Uma vez que dou extrema importância à questão exegética e uma vez que a ausência dessa exegese contextual tem sido minha queixa em relação a comentários em geral, o leitor encontrará aqui uma tendência para o erro no outro extremo. Cada seção principal e cada parágrafo são introduzidos com uma tentativa de reconstrução do contexto histórico e de acompanhamento do desenvolvimento do argumento de Paulo. Em sua maioria, os versículos também recebem esse tipo de tratamento. Em segundo lugar e relacionado com o primeiro, há o empenho aqui em fazer a exegese do livro inteiro de uma perspectiva que sempre leva em consideração a situação histórica. Essa perspectiva é a chave de boa parte de minha maneira de entender a carta e pode ser encontrada na introdução, na seção “A igreja e seu apóstolo”. Em terceiro lugar, porque minha especialidade é a crítica textual, analiso — às vezes longamente — cada variante de importância exegética. Por fim, além de dar sugestões de tempos em tempos ao longo da exposição propriamente dita, concluo quase todos os parágrafos com algumas observações de ordem aplicativa. Está refletido nessas notas o meu profundo interesse pessoal em que a Palavra de Deus seja uma palavra viva para hoje.

Fundamentei a exposição toda em minha própria exegese e em meus esboços e anotações preparados para as aulas (que com frequência estavam repletos de acréscimos do que outros haviam dito). Mas só um tolo não consultaria regularmente o trabalho de outros. O que por vezes pensei que eram novas descobertas, eram geralmente ideias encontradas em algum lugar na literatura técnica à minha frente; e é claro que muitas vezes precisei reescrever algumas seções à luz dessas obras. Desde 1953 (o ano do comentário de Grosheide), a literatura sobre 1Coríntios tem aumentado além da capacidade de qualquer pessoa dominar toda ela — em especial alguém cujo chamado principal é para o ensino e a pregação. Uma bibliografia completa incluiria mais de 2 mil itens. Tentei chamar atenção para as mais importantes dessas obras por meio das notas de rodapé. Uma vez que o comentário é destinado a leitores de língua inglesa, a bibliografia, que inclui itens até o mês de junho de 1986, pende fortemente nessa direção. Quanto

a esse material, o leitor precisará consultar o “Índice remissivo”, uma vez que um volume deste tamanho não poderia oferecer também uma bibliografia mais detalhada. Os itens encontrados na “Bibliografia selecionada” [assim denominada na primeira edição; nesta segunda edição, simplesmente “Bibliografia”] incluem comentários e obras especializadas que, no todo ou em parte, tratam de 1 Coríntios. Além dos dois comentários já mencionados, achei as obras mais antigas de Godet, Findlay, Parry e Weiss riquíssimas em *insights*. Minha dívida para com tantos outros será evidente a todos. Peço desde já desculpas a todos aqueles que omiti — um problema que, sem dúvida alguma, criará algum constrangimento para mim. Talvez eu também deva pedir desculpas àqueles de quem discordo. Não peço desculpas por discordar, mas rascunhos que divulguei me deixaram bastante receoso de que por vezes eu não tenha retratado ideias divergentes de maneira tão adequada quanto deveria ter feito.

A esta altura, devo fazer duas observações adicionais sobre pressuposições. Primeiro, minha crença de muitos anos é que uma geração anterior de estudiosos tinha um entendimento mais plausível acerca da ordem das cartas paulinas do que muitos estudiosos — sobretudo evangélicos — de hoje. Isso é particularmente válido no que diz respeito a Gálatas. Comecei a escrever pressupondo que 1 e 2 Tessalonicenses foram as primeiras cartas de Paulo e que Gálatas *segue* tanto a Primeira quanto a Segunda Carta aos Coríntios. Depois de escrever o comentário, isso se tornou uma firme convicção. Por esse motivo, coloquei todas as referências às cartas de Paulo nessa presumida ordem cronológica, pois a determinação da data de muitas referências é importante. Como sustentei em meu comentário das Epístolas Pastorais,<sup>1</sup> apesar das reconhecidas dificuldades envolvidas, penso que no final das contas aquelas cartas também provêm do próprio Paulo. Essa posição também se reflete nas notas.

Segundo, visto que a exegese não pode ser feita no vazio, assinalo, sem nenhum pedido de desculpas, que sou um crente cuja tradição teológica é tanto pentecostal quanto evangélica. À semelhança de muitos outros antes de mim, escrevi da perspectiva de minha própria tradição. Cada uma dessas tradições tem *insights* a oferecer que são muitas vezes negligenciados por outros. No entanto, fiz o melhor possível para evitar que esses pontos de vista interferissem na exegese propriamente dita. Essas tradições têm em comum, em especial, a profunda convicção de que essa epístola é a Palavra de Deus escrita. Com grande fervor eu trouxe essa convicção para esta obra. Por que outro motivo eu escreveria um comentário, senão para ajudar a igreja a ouvir melhor a palavra do Deus vivo e, assim, estar mais bem equipada para a obediência no tempo presente?

<sup>1</sup>Edição em português: *1 e 2 Timóteo e Tito*, tradução de Luiz Aparecido Caruso, Comentário Bíblico Contemporâneo (São Paulo: Vida, 1994).



É impossível agradecer às muitas outras pessoas que, além da comunidade acadêmica, ajudaram a tornar esta obra uma realidade. Acima de tudo, devo mencionar meu querido amigo Wayne Kraiss, presidente do Southern California College, que por acaso, dois anos atrás, ouviu minha queixa de que eu tinha o contrato para escrever o livro, mas estava sem tempo para fazê-lo. Com o generoso apoio financeiro de um fundo especial daquela faculdade, tive condições de tirar uma licença do seminário Gordon-Conwell durante o ano letivo de 1985-1986. Meus agradecimentos também são dirigidos ao seminário por me conceder a licença e me dar amplo acesso às suas instalações e recursos ao longo do ano, embora, conforme se viu, esse foi meu último ano ali. E que posso dizer de minha esposa, Maudine, para quem o ano foi basicamente um período de paciência enquanto eu trabalhava na redação do livro uma média de doze horas por dia, seis dias por semana, durante um período de catorze meses? Assim mesmo, ela foi uma constante fonte de incentivo e com frequência se envolveu em conversas proveitosas sobre o significado de alguns dos textos realmente difíceis.

Outros dois grupos de pessoas merecem menção especial. Em primeiro lugar, vários membros de minha igreja local, a Church of the Redeemer, em Hamilton, Massachusetts, Estados Unidos, assumiram o compromisso de orar diariamente por mim e por esta obra. A eles e em especial a Bob McManus, que esteve à frente dessa iniciativa, sou eternamente grato. Em segundo lugar, vários amigos e colegas leram seções do comentário para assegurar que ele estava caminhando na direção descrita acima. Estão incluídos aí Patrick Alexander, um ex-monitor que leu atentamente o comentário de ponta a ponta, Rikki Watts, atualmente aluno do Gordon-Conwell Seminary, e também Gregory Beale, T. David Gordon, Roger Nicole e David Wells, que foram meus colegas professores no Gordon-Conwell. Os índices foram preparados por meus professores assistentes no Regent College, a saber, Gary Thomas, que executou a maior parte da tarefa, e Steve Tompkins.

Manifesto aqui meu apreço à Zondervan Corporation por permitir que eu usasse o texto da tradução bíblica New International Version (NIV) e fizesse minhas próprias “correções” em várias passagens nas quais eu pessoalmente considerava que a tradução da NIV não era plenamente satisfatória. Por último, uma palavra de agradecimento a F. E. Bruce, o editor e organizador da série, por solicitar que este comentário fizesse parte da série, e a meu editor na casa publicadora Eerdmans, Milton Essenburg, cujo incentivo tanto logo no início quanto perto do fim do meu trabalho foi de ajuda inestimável — e a ambos por permitirem mudanças no formato da série para que eu pudesse acomodar minhas profundas preocupações.

## Reduções gráficas

Quanto aos símbolos de crítica textual, veja a introdução de Erwin Nestle e Kurt Aland, *Novum Testamentum Graece* (27. ed.).

### Bibliografia e abreviaturas gerais

A21	Almeida Século 21
AB	Anchor Bible
ACQ	<i>American Church Quarterly</i>
adj.	adjetivo
adv.	advérbio
AGJU	Arbeiten zur Geschichte des Antiken Judentums und des Urchristentums
AJA	<i>American Journal of Archaeology</i>
AJT	<i>American Journal of Theology</i>
AnBib	Analecta Biblica
ANF	The Ante-Nicene Fathers
ANRW	H. Temporini, org., <i>Aufstieg und Niedergang der römischen Welt</i>
ASNU	Acta seminarii neotestamentici upsaliensis
ASV	American Standard Version
AT	Antigo Testamento
ATANT	Abhandlungen zur Theologie des Alten und Neuen Testaments
ATR	<i>Anglican Theological Review</i>
ATRsuppl	Anglican Theological Review supplementary series
Aufl.	Auflage, edição
AusBR	<i>Australian Biblical Review</i>
AUSSDS	Andrews University Seminary Studies Dissertation Series
BA	<i>Biblical Archaeologist</i>
BAGD	W. Bauer; W. F. Arndt; F. W. Gingrich; F. W. Danker, <i>Greek-English lexicon of the New Testament and other early Christian literature</i> , 2. ed. (Chicago, 1979) <sup>1</sup>
BARev	<i>Biblical Archaeology Review</i>
BBR	<i>Bulletin for Biblical Research</i>
BDAG	F. W. Danker; W. Bauer; W. F. Arndt; F. W. Gingrich, <i>Greek-English lexicon of the New Testament and other early Christian literature</i> , 3. ed. (Chicago, 2000)
BDF	F. Blass; A. Debrunner; R. W. Funk, <i>A Greek grammar of the New Testament and other early Christian literature</i> (Chicago, 1961)

<sup>1</sup>Edição em português de versão condensada desta obra: F. Wilbur Gingrich; Frederick W. Danker, *Léxico do Novo Testamento grego/português* (São Paulo: Vida Nova, 1984).

BECNT	Baker Exegetical Commentary on the New Testament
BETS	Veja <i>JETS</i> .
BG	M. Zerwick, <i>Biblical Greek</i> (Rome, 1963)
<i>Bib</i>	<i>Biblica</i>
<i>BiBh</i>	<i>Bible Bhashyam</i>
<i>BibInt</i>	<i>Biblical Interpretation</i>
<i>BibKirch</i>	<i>Bibel und Kirche</i>
<i>BibNotiz</i>	<i>Biblische Notiz</i>
<i>BibRes</i>	<i>Biblical Research</i>
<i>BibRev</i>	<i>Biblical Review</i>
<i>BibSac</i>	<i>Bibliotheca Sacra</i>
<i>BibTrans</i>	<i>The Bible Translator</i>
<i>BibZeit</i>	<i>Biblische Zeitschrift</i>
BJ	Bíblia de Jerusalém
<i>BJRL</i>	<i>Bulletin of the John Rylands Library</i>
BTB	<i>Biblical Theology Bulletin</i>
BZ	<i>Biblische Zeitschrift</i>
c.	cerca de
CBC	The Cambridge Bible Commentary
CBQ	<i>Catholic Biblical Quarterly</i>
CBSC	The Cambridge Bible for Schools and Colleges
cf.	conferir
CGTSC	Cambridge Greek Testament for Schools and Colleges
cap(s).	capítulo(s)
<i>CJT</i>	<i>Canadian Journal of Theology</i>
com.	comentário(s)
<i>Concj</i>	<i>Concordia Journal</i>
CQR	<i>Church Quarterly Review</i>
C-R	Comentário de Ciampa e Rosner
<i>CrisTR</i>	<i>Criswell Theological Review</i>
CT	<i>Christianity Today</i>
CTJ	<i>Calvin Theological Journal</i>
CTM	<i>Concordia Theological Monthly</i>
<i>CurTM</i>	<i>Currents in Theology and Mission</i>
Danby	H. Danby, <i>The Mishnah, translated from the Hebrew with introduction and brief explanatory notes</i>
DBM	<i>Deltion Biblikon Mekton</i>
<i>DetBapSJ</i>	<i>Detroit Baptist Seminary Journal</i>
Ditt. Syl.	Dittenberger, org., <i>Sylloge inscriptionum graecarum</i>
DSB	The Daily Study Bible
EBC	The Expositor's Bible Commentary
EBib	Etudes Bibliques
ed(s).	editor(es), edição
e.g.	<i>exempli gratia</i> , por exemplo
EGT	The Expositor's Greek Testament
Eo	Eclesiástico (Sirácida)

ep.	epístola, carta
esp.	especialmente
<i>EstBib</i>	<i>Estudios Biblica</i>
<i>EstEcl</i>	<i>Estudios Ecclesia</i>
ESV	English Standard Version
<i>ETL</i>	<i>Ephemerides theologicae lovanienses</i>
<i>EvQ</i>	<i>Evangelical Quarterly</i>
<i>EvT</i>	<i>Evangelische Theologie</i>
<i>Exp</i>	<i>The Expositor</i>
<i>ExpT</i>	<i>The Expository Times</i>
FBBS	Facet Books, Biblical Series
<i>FilolNT</i>	<i>Filologia Neotestamentaria</i>
<i>FoiVie</i>	<i>Foi et Vie</i>
FRLANT	Forschungen zur Religion und Literatur des Alten und Neuen Testaments
GNB	Good News Bible
GNC	Good News Commentary
<i>GOTR</i>	<i>Greek Orthodox Theological Review</i>
gr.	grego
hebr.	hebraico
<i>HeyJ</i>	<i>Heythrop Journal</i>
<i>HistR</i>	<i>History of Religions</i>
HKNT	Handkommentar zum Neuen Testament
HNT	Handbuch zum Neuen Testament
HNTC	Harper's NT Commentaries
<i>HPR</i>	<i>Homiletic and Pastoral Review</i>
HSW	E. Hennecke; W. Schneemelcher; R. W. Wilson, <i>New Testament apocrypha</i>
<i>HTR</i>	<i>Harvard Theological Review</i>
HUT	Hermeneutische Untersuchungen zur Theologie
IB	Interpreter's Bible
<i>IBS</i>	<i>Irish Biblical Studies</i>
ICC	International Critical Commentary
IDBSup	G. A. Buttrick, org., <i>Interpreter's Dictionary of the Bible, Supplement</i>
impf.	tempo imperfeito
impv.	modo imperativo
incl.	inclusive
<i>Int</i>	<i>Interpretation</i>
<i>ITQ</i>	<i>Irish Theological Quarterly</i>
<i>JAAR</i>	<i>Journal of the American Academy of Religion</i>
<i>JAdvThSoc</i>	<i>Journal of the Adventist Theological Society</i>
JB	The Jerusalem Bible
<i>JBL</i>	<i>Journal of Biblical Literature</i>
<i>JBR</i>	<i>Journal of the Bible and Religion</i>
<i>JETS</i>	<i>Journal of the Evangelical Theological Society</i>
<i>JHC</i>	<i>Journal of Higher Criticism</i>
<i>JITC</i>	<i>Journal for the Interdenominational Theological Center</i>
<i>JJS</i>	<i>Journal of Jewish Studies</i>

<i>JPentTh</i>	<i>Journal of Pentecostal Theology</i>
<i>JSNT</i>	<i>Journal for the Study of the New Testament</i>
<i>JSNTSS</i>	Journal for the Study of the New Testament, Supplement Series
<i>JSOT</i>	<i>Journal for the Study of the Old Testament</i>
<i>JSS</i>	<i>Journal of Semitic Studies</i>
<i>JTC</i>	<i>Journal for Theology and the Church</i>
<i>JTS</i>	<i>Journal of Theological Studies</i>
KJV	King James Version
LAE	A. Deissmann, <i>Light from the Ancient East</i>
LB	The Living Bible
LCC	Library of Christian Classics
<i>LingBib</i>	<i>Linguistica Biblica</i>
lit.	literalmente
Loeb	Loeb Classical Library
LSJ	Liddell-Scott-Jones, <i>Greek-English lexicon</i> (Oxford)
<i>LumV</i>	<i>Lumière et Vie</i>
LWC	The Living Word Commentary
LXX	Septuaginta
Mar. Aur. Ant.	Marco Aurélio Antonino
marg.	margem (a leitura encontrada na margem)
MKNT	H. A. W. Meyer, <i>Kritisch-exegetischer Kommentar über das Neue Testament</i>
MM	J. H. Moulton; G. Milligan, <i>The vocabulary of the Greek Testament</i> (1930)
MNTC	Moffatt New Testament Commentary
<i>MSJ</i>	<i>Master's Seminary Journal</i>
ms(s)	manuscrito(s)
<i>MTZ</i>	<i>Münchener theologische Zeitschrift</i>
NA27	E. Nestle; K. Aland, <i>Novum Testamentum Graece</i> (27. ed.)
NAB	New American Bible
<i>NAG</i>	<i>Nachrichten von der Akademie der Wissenschaften in Göttingen</i>
NASB	New American Standard Bible
NCB	New Century Bible
NEB	New English Bible
NICNT	New International Commentary on the New Testament
<i>NIDNTT</i>	C. Brown, org., <i>The New International Dictionary of New Testament Theology</i> <sup>2</sup>
NIGTC	New International Greek Testament Commentary
NIV	New International Version (2011)
NJB	New Jerusalem Bible
<i>Notes</i>	<i>Notes on Translation</i>
<i>NouvRT</i>	<i>Nouvelle Revue Théologique</i>
<i>NovT</i>	<i>Novum Testamentum</i>
NovTSup	Novum Testamentum, Supplements
NRSV	New Revised Standard Version
NT	Novo Testamento

<sup>2</sup>Edição em português: *Dicionário internacional de teologia do Novo Testamento* (São Paulo: Vida Nova: 2000).

NTD	Das Neue Testament Deutsch
NTM	The New Testament Message
NTS	<i>New Testament Studies</i>
NVI	Nova Versão Internacional
OTP	J. H. Charlesworth, org., <i>The Old Testament pseudepigrapha</i>
O-W	Orr-Walther (comentário; veja bibliografia)
part.	participípio
P.Berl.Leibg.	Papiro Berlin Leibgarde
POxy	Papiro Oxyrynchus
PRS	<i>Perspectives in Religious Studies</i>
PTR	<i>Princeton Theological Review</i>
q.v.	<i>quod vide</i> , o qual se veja, queira ver
RB	<i>Revue Biblique</i>
REB	The Revised English Bible (revisão da NEB)
RefR	<i>Reformed Review</i>
reimpr.	reimpressão, reimpresso
RestQ	<i>Restoration Quarterly</i>
RevBib	<i>Revue Biblique</i>
RevExp	<i>Review and Expositor</i>
RHE	<i>Revue d'histoire ecclésiastique</i>
RHPR	<i>Revue d'histoire et de philosophie religieuses</i>
RivB	<i>Rivista biblica italiana</i>
R-P	Robertson-Plummer (comentário; veja bibliografia)
RSR	<i>Recherches de science religieuse</i>
RSV	Revised Standard Version
RTP	<i>Revue de Théologie et de Philosophie</i>
RTR	<i>Reformed Theological Review</i>
RV	Revised Version
SBFLA	<i>Studii biblici Franciscani Liber annuus</i>
SBL	Society of Biblical Literature
SBLDS	Society of Biblical Literature Dissertation Series
SBLTT	Society of Biblical Literature Texts and Translations
SBT	Studies in Biblical Theology
ScEs	<i>Science et esprit</i>
Scr	<i>Scripture</i>
SD	Studies and Documents
SEÅ	<i>Svensk exegetisk årsbok</i>
SewTR	<i>Sewanee Theological Review</i>
SJT	<i>Scottish Journal of Theology</i>
s.n.	série nova
SNTSMS	Society for New Testament Studies Monograph Series
SNTSU	<i>Studien zum Neuen Testament und seiner Umwelt</i>
SR	<i>Studies in Religion</i>
ST	<i>Studia Theologica</i>
Str-B	H. Strack; P. Billerbeck, <i>Kommentar zum Neuen Testament</i>
STRev	<i>Sewanee Theological Review</i>

<i>StudEv</i>	<i>Studia Evangelica</i>
<i>StulosTJ</i>	<i>Stulos Theological Journal</i>
<i>SWJT</i>	<i>Southwestern Journal of Theology</i>
TCNT	The Twentieth Century New Testament
<i>TDNT</i>	G. Kittel; G. Friedrich, orgs., <i>Theological Dictionary of the New Testament</i>
Teod.	Teodócio
Teub.	Bibliotheca Scriptorum Graecorum et Romanorum Teubneriana (Leipzig)
<i>ThDig</i>	<i>Theology Digest</i>
<i>ThLZ</i>	<i>Theologische Literaturzeitung</i>
THNT	Theologischer Handkommentar zum Neuen Testament
<i>ThRev</i>	<i>Theological Review</i> , Near East School of Theology, Beirut
TI	tradução em inglês
TMaj	Texto Majoritário
TNTC	The Tyndale New Testament Commentaries
TR	Textus Receptus
trad.	tradução; tradução de
<i>Trinj</i>	<i>Trinity Journal</i>
TS	<i>Theological Studies</i>
TSK	<i>Theologische Studien und Kritiken</i>
TU	Texte und Untersuchungen
<i>TynB</i>	<i>Tyndale Bulletin</i>
<i>TZ</i>	<i>Theologische Zeitschrift</i>
UBS4	United Bible Societies Greek New Testament (4. ed.)
USQR	Union Seminary Quarterly Review
v.	versículo(s)
<i>VerbEccl</i>	<i>Verbum et Ecclesia</i>
<i>VigC</i>	<i>Vigiliae Christianae</i>
<i>VoxR</i>	<i>Vox Reformata</i>
WC	Westminster Commentaries
WH	Westcott-Hort Greek New Testament
WMANT	Wissenschaftliche Untersuchungen zum Neuen Testament
WPC	Westminster Pelican Commentaries
<i>WTJ</i>	<i>Westminster Theological Journal</i>
ZKG	<i>Zeitschrift für Kirchengeschichte</i>
ZKT	<i>Zeitschrift für Katholische Theologie</i>
ZNW	<i>Zeitschrift für die neutestamentliche Wissenschaft</i>
ZTK	<i>Zeitschrift für Theologie und Kirche</i>

### Outras obras cristãs e judaicas

<i>Apoc. Abr.</i>	<i>Apocalipse de Abraão</i>
<i>Apoc. Mois.</i>	<i>Apocalipse de Moisés</i>
<i>Asc. Mois.</i>	<i>Ascensão de Moisés</i>
<i>Car. Aris.</i>	<i>Carta de Aristeas</i>
<i>Did.</i>	<i>Didaquê</i>
<i>Jos. Asen.</i>	<i>José e Asenate</i>
<i>Jub.</i>	<i>Jubileus</i>

<i>Mart. Pol.</i>	<i>Martírio de Policarpo</i>
<i>Or. sib.</i>	<i>Oráculos sibílinos</i>
<i>Sl. Sal.</i>	<i>Salmos de Salomão</i>
<i>T. Benj.</i>	<i>Testamento de Benjamim</i>
<i>T. Jó</i>	<i>Testamento de Jó</i>
<i>T. Judá</i>	<i>Testamento de Judá</i>
<i>T. Levi</i>	<i>Testamento de Levi</i>
<i>T. Naf.</i>	<i>Testamento de Naftali</i>
<i>T. Rúb.</i>	<i>Testamento de Rúben</i>

### **Josefo**

<i>Ant.</i>	<i>Antiquidades dos Judeus</i>
<i>C. Ap.</i>	<i>Contra Ápion</i>
<i>G. J.</i>	<i>Guerra dos Judeus</i>
<i>Vida</i>	<i>Vida de Flávio Josefo</i>

### **Filo**

<i>Abraão</i>	<i>Da vida de Abraão</i>
<i>Agricultura</i>	<i>Da agricultura</i>
<i>Criação</i>	<i>Da criação do Mundo</i>
<i>Embaixada</i>	<i>Da embaixada a Gaio</i>
<i>Est. prelim.</i>	<i>Dos estudos preliminares</i>
<i>Gigantes</i>	<i>Dos gigantes</i>
<i>Herdeiro</i>	<i>Quem é o herdeiro?</i>
<i>Homem bom</i>	<i>Que todo homem bom é livre</i>
<i>Interp. aleg.</i>	<i>Interpretação alegórica</i>
<i>Leis esp.</i>	<i>Das leis especiais</i>
<i>Moisés</i>	<i>Da vida de Moisés</i>
<i>Nomes</i>	<i>Da mudança de nomes</i>
<i>Pior</i>	<i>Que o pior ataca o melhor</i>
<i>Posteridade</i>	<i>Da posteridade de Caim</i>
<i>Querubins</i>	<i>Dos querubins</i>
<i>Recompensas</i>	<i>Das recompensas e punições</i>
<i>Sacrifícios</i>	<i>Dos sacrifícios de Caim e Abel</i>
<i>Sonhos</i>	<i>Dos sonhos</i>
<i>Virtudes</i>	<i>Das virtudes</i>

### **Escritores e fontes clássicas**

#### **Apiano**

<i>Maced.</i>	<i>Questões macedônicas (História de Roma)</i>
---------------	--

#### **Apuleio**

<i>Met.</i>	<i>Metamorfoses</i>
-------------	---------------------

#### **Aristides**

<i>Or. sac.</i>	<i>Oraculae Sacrae</i>
-----------------	------------------------



**Aristófanes**

*Tes.* *Tesmoforiantes*

**Aristóteles**

*Pol.* *Política*

**Artemidoro**

*Sonhos* *Sobre a interpretação dos sonhos [Oneirocrítica]*

**Cícero**

*Acad.* *Acadêmicas*

*Át.* *Cartas a Ático*

*Cluent.* *Pro Cluentio*

*Fin.* *de Finibus*

**Cirilo de Alexandria**

*Arcad.* *De recta fide ad Arcadium et Marinam*

**Demóstenes**

*Discursos* *Discursos*

**Dião Crisóstomo**

*Discursos* *Discursos*

**Diógenes Laércio**

*Vidas* *Vidas e doutrinas dos filósofos ilustres*

**Ésquilo**

*Agam.* *Agamenon*

*Eum.* *Eumênides*

**Estobeu**

*Écl.* *Éclogas*

**Filóstrato**

*V. sof.* *Vida dos sofistas*

**Ireneu**

*Haer.* *Contra heresias*

**Justino Mártir**

*Apol.* *Apologia*

*Diál.* *Diálogo com Trifo*

**Lívio**

*Hist.* *História de Roma*

**Luciano**

<i>Alex.</i>	<i>Alexandre, o falso profeta</i>
<i>Dial.</i>	<i>Het. Dialogoi Hetairikoi</i> (Diálogos das cortesãs)
<i>Fug.</i>	<i>Fugitivi</i> (Os fugitivos)
<i>Tim.</i>	<i>Timon</i> (ou O misantropo)

**Platão**

<i>Górg.</i>	<i>Górgias</i>
--------------	----------------

**Plínio**

<i>Ep.</i>	<i>Epístolas</i>
<i>Paneg.</i>	<i>Panegírico</i>

**Plutarco**

<i>Alex. M.</i>	<i>A vida de Alexandre, o Grande</i>
<i>Fort. Rom.</i>	<i>Da sorte dos romanos</i>
<i>Lib. educ.</i>	<i>Da educação das crianças</i>
<i>Mor.</i>	<i>Moralia</i>
<i>Tranq. an.</i>	<i>De tranquillitate animi</i>

**Policarpo**

<i>Fp.</i>	<i>Aos filipenses</i>
------------	-----------------------

**Pseudo-Filo**

<i>Ant. bíb.</i>	<i>Antiguidades bíblicas</i>
------------------	------------------------------

**Salústio**

<i>Jug.</i>	<i>Bellum iugurthinum</i>
-------------	---------------------------

**Sêneca**

<i>Benef.</i>	<i>Dos benefícios</i>
<i>Ep.</i>	<i>Epístolas</i>
<i>Prov.</i>	<i>Da providência</i>

**Tácito**

<i>Germ.</i>	<i>Germania</i>
--------------	-----------------

**Tertuliano**

<i>Pudic.</i>	<i>Da castidade</i>
<i>Res.</i>	<i>Da ressurreição dos mortos</i>

**Xenofonte**

<i>Apol.</i>	<i>Apologia de Sócrates</i>
<i>De rep. lac.</i>	<i>Da república dos lacedemônios</i>
<i>Mem.</i>	<i>Memorabilia</i>

**Tratados rabínicos**

'Abot R. Nat.	'Abot de Rabbi Nathan
<i>b.</i>	Talmude babilônico
'Abod. Zar.	'Abodah Zarah
'Abot	'Abot
<i>B. Meši'a.</i>	<i>Baba Meši'a</i>
<i>Ber.</i>	<i>Berakot</i>
<i>Giṭ.</i>	<i>Giṭṭim</i>
<i>Ḥul.</i>	<i>Ḥullin</i>
<i>Ketub.</i>	<i>Ketubbot</i>
<i>Mo'ed Qaṭ.</i>	<i>Mo'ed Qaṭan</i>
<i>Pesaḥ.</i>	<i>Pesaḥim</i>
<i>Qidd.</i>	<i>Qiddushin</i>
<i>Roš Haš.</i>	<i>Rosh Hashshanah</i>
<i>Šabb.</i>	<i>Shabbat</i>
<i>Sanh.</i>	<i>Sanhedrin</i>
<i>Soṭah</i>	<i>Soṭah</i>
<i>Sukkah</i>	<i>Sukkah</i>
<i>Ta'an.</i>	<i>Ta'anit</i>
<i>Yebam.</i>	<i>Yebamot</i>
<i>Bar.</i>	<i>Baraita</i> (quanto aos tratados talmúdicos, veja em <i>b.</i> )
<i>m. 'Abot etc.</i>	<i>Mishná</i> (quanto aos tratados talmúdicos, veja em <i>b.</i> )
<i>Mek. de Êx.</i>	<i>Mekilta de Êxodo</i>
<i>t. Sukkah etc.</i>	<i>Toseftá</i> (quanto aos tratados talmúdicos, veja em <i>b.</i> )

**Midrashim**

<i>Midr. de Nm.</i>	<i>Midrash de Números</i>
<i>Midr. de Sl.</i>	<i>Midrash de Salmos</i>
<i>Midr. de Ec.</i>	<i>Midrash de Eclesiastes</i>

**Material targúmico**

<i>Tg. Onq.</i>	<i>Targum Onqelos</i>
<i>Tg. De Ps.-J.</i>	<i>Targum de Pseudo-Jônatas</i>

**Qumran/ Manuscritos do Mar Morte**

Q	Qumran
1QpHab	1QPesher de Habacuque
1QS	1QRegra da Comunidade
4Q174	4QFlorilégio

**Manuscritos gregos**

As siglas para os manuscritos gregos e outras abreviações seguem basicamente a padronização da UBS4, páginas 4\*2-52\*, e NA27, páginas 50\*-76\*. A mão original de um manuscrito é indicada por um asterisco (e.g., a\*), e as mãos corretoras, por números sobrescritos (e.g., a<sup>1</sup>, a<sup>2</sup> etc.).

# Introdução a 1Coríntios

## A cidade e sua população

Como acontece com qualquer outro documento do NT — aliás, mais do que na maioria deles —, os diversos fatores sociológicos, econômicos e religiosos que formam o ambiente da cidade de Corinto têm profunda influência na maneira de entender as cartas de Paulo à igreja dali. Sua localização estratégica como guardião do istmo de 5.950 metros que ligava o Peloponeso ao continente e separava os golfos Sarônico e de Corinto lhe assegurou uma história longa e célebre.<sup>1</sup> Ela controlava tanto o tráfego comercial terrestre quanto o comércio entre a Itália e a Ásia, o qual na maioria das vezes considerava mais seguro e mais prático usar essa rota “por terra” do que dar a volta no Peloponeso.<sup>2</sup>

A história da cidade se divide basicamente em duas partes. Como cidade-estado grega, ela floresceu tanto antes quanto depois da era dourada de Atenas (séc. 5 a.C.). Mas como líder da Liga Acaia em meados do século 2 a.C., a cidade entrou em conflito com Roma e foi destruída pelo cônsul romano Lúcio Múmio em 146 a.C. O local permaneceu sem atividade durante cem anos até que Júlio César a refundou em 44 a.C. como colônia romana.<sup>3</sup> Provavelmente houve um duplo motivo para essa refundação. Em primeiro lugar, sua localização estratégica

<sup>1</sup>Está situada em uma elevação na entrada sul do istmo, a cerca de 3,2 quilômetros do golfo de Corinto e no sopé do Acrocorinto, o qual tem 575 metros de altura. Para descrições da cidade, veja esp. Estrabão, *Geografia* 8.6.20-23 (escrito c. 7 a.C.), e Pausânias, *Descrição da Grécia, Livro II: Corinto* (c. 170 d.C.). Esses textos e muitos outros estão convenientemente reunidos e analisados em Murphy-O'Connor, *Corinth*. Para a história de Corinto durante o período romano, deve-se consultar J. Wiseman, “Corinth and Rome I: 228 B.C.-A.D. 267”, in: *ANRW* 7.1:438-548.

<sup>2</sup>Cf. Estrabão, *Geografia* 8.6.20: “Corinto é chamada ‘rica’ por causa de seu comércio, pois está situada no istmo e controla dois portos, dos quais um [Cencreia] leva diretamente para a Ásia, e o outro [Lequeu], para a Itália; e isso facilita o intercâmbio de mercadorias dos dois países, que estão tão distantes um do outro. E também as taxas sobre o que era exportado e importado, por terra, pelo Peloponeso, fluíam para os que detinham as chaves” (Loeb, 4:189-91).

<sup>3</sup>Aliás, o latim foi a língua oficial da cidade até bem depois da época de Paulo. Veja Murphy-O'Connor, *Corinth*, p. 5.

para o comércio (descrita por Estrabão) tornou sua refundação praticamente inevitável. Estavam presentes aí todos os ingredientes necessários para um rápido crescimento econômico: a defesa natural no Acrocorinto, o suprimento adequado de água de fontes, o intercâmbio com Roma, o domínio dos dois portos para o comércio entre o Oriente e o Ocidente, e o controle dos Jogos Ístmicos, que eram muito próximos em importância às Olimpíadas (veja comentário de 9.24–27). Em segundo lugar, de acordo com Estrabão (8.6.23c), Corinto foi repovoada por alforriados — os libertos — provenientes de Roma. Uma vez que a posição social dessas pessoas era logo acima da de escravo<sup>4</sup> e visto que com frequência havia um excesso de libertos em Roma, essa foi uma maneira vantajosa de, por um lado, livrar-se de problemas em potencial e, por outro, de os libertos aproveitarem uma oportunidade de avanço social e progresso econômico.

A descrição feita por Estrabão cerca de cinquenta anos depois deixa bem claro que a prosperidade voltou à cidade quase de imediato. Uma vez que o dinheiro atrai pessoas assim como carne morta atrai moscas, Corinto logo experimentou um grande fluxo de pessoas vindas tanto do Ocidente quanto do Oriente,<sup>5</sup> junto com todos os benefícios e malefícios desse crescimento. Os romanos eram os dominadores; trouxeram consigo não somente suas leis, mas também sua cultura e suas religiões. Mas o mundo romano tinha sido completamente helenizado; e, uma vez que Corinto era historicamente grega, a cidade manteve muitos daqueles laços — religião, filosofia, artes. E do Oriente vieram as religiões de mistério do Egito e da Ásia e os judeus com sua sinagoga e a crença “peculiar” em um único Deus.

Como Corinto não tinha uma aristocracia fundiária, uma aristocracia de dinheiro logo se desenvolveu, junto com um espírito ousadamente independente. Mas nem todos enriqueceriam da noite para o dia; por esse motivo, milhares de artesãos e escravos constituíam a maioria da população. Mas o mais provável é que a notável riqueza da cidade tenha transbordado para o benefício dessas pessoas também.

Como acontece muitas vezes em tais centros, a depravação e a religião floresceram lado a lado. A antiga Corinto havia conquistado uma fama tão grande de depravação sexual que Aristófanes (c. 450–385 a.C.) cunhou o verbo *korinthiazō* (= agir como alguém de Corinto, i.e., cometer fornicação). A sala de Asclépio no museu de Corinto oferece hoje testemunho silencioso dessa faceta da vida da cidade; ali, em uma das paredes, há um grande número de ofertas votivas feitas

<sup>4</sup>Veja a discussão e a bibliografia de 7.22.

<sup>5</sup>Não houve tentativas científicas de calcular sua população. Veja Murphy–O’Connor, *Corinth*, p. 31–2. No entanto, com certeza teria competido pela honra de ser a terceira cidade do império, depois de Roma e Alexandria.

de barro que reproduzem genitálias humanas e haviam sido oferecidas à divindade para a cura daquela parte do corpo, certamente devastada por doença venérea. No entanto, a tendência tem sido exagerar esse aspecto da vida de Corinto entre a maioria dos estudiosos do NT, os quais confiam na descrição (certamente equivocada) que Estrabão fez das mil prostitutas cultuais supostamente atuantes no templo de Afrodite no Acrocorinto. Em primeiro lugar, Estrabão estava falando da Corinto antiga e, assim mesmo, é duvidoso que suas informações tenham sido precisas.<sup>6</sup> Não há dúvida de que ali o pecado de natureza sexual era abundante; mas teria sido semelhante ao que é de esperar em qualquer cidade portuária onde corre muito dinheiro e há mulheres e homens disponíveis.

A manifestação religiosa de Corinto era tão diversificada quanto sua população. Pausânias menciona pelo menos 26 lugares sagrados (nem todos eram templos) dedicados aos “muitos deuses” (o panteão greco-romano) e aos “muitos senhores” (as religiões de mistério) mencionados por Paulo na presente carta (8.5) — e Pausânias não menciona a sinagoga judaica, da qual se descobriu parte de uma verga com a inscrição “sinagoga dos hebreus”.<sup>7</sup> Embora não haja provas diretas disso, sem dúvida a mesma riqueza que atraiu artesãos e comerciantes também atraiu para Corinto artistas e filósofos de todos os tipos em busca de patrocínio. Este último grupo também deve ter incluído um bom número de oradores itinerantes e charlatães.<sup>8</sup>

O conjunto dessas características sugere que a Corinto de Paulo era ao mesmo tempo a Nova York, a Los Angeles e a Las Vegas do mundo antigo.

Trechos espalhados aqui e ali em Atos, 1Coríntios e Romanos<sup>9</sup> dão a entender que a igreja era um espelho da cidade em muitos aspectos. Aliás, em determinado ponto (12.13) Paulo interrompe seu raciocínio para destacar a diversidade de todos aqueles que se tornaram um só corpo: judeus, gregos, escravos, livres. Essa mistura também é confirmada de outras maneiras. Das pessoas citadas pelo nome, pelo menos três são judias (Áquila, Priscila, Crispo), embora tenham nomes latinos. Três (ou quatro) outros que também têm nomes latinos são provavelmente romanos (Fortunato, Quarto, Gaio, Tício Justo),<sup>10</sup> dos quais pelo menos um (ou dois, Gaio e Tício Justo) estava entre os membros mais ricos.

<sup>6</sup>Isso foi demonstrado por H. Conzelmann, “Korinth und die Mädchen der Aphrodite. Zur Religionsgeschichte der Stadt Korinth”, *NAG* 8 (1967-1968), p. 247-61. Cf. Murphy-O'Connor, *Corinth*, p. 55-7.

<sup>7</sup>Cf. Murphy-O'Connor, *Corinth*, p. 78-80.

<sup>8</sup>Acerca da importância disso, veja comentário de 1.10-17 e 9.3-14.

<sup>9</sup>At 18.1-8; 1Co 1.10-17; 16.15-17; Rm 16.23.

<sup>10</sup>Alguns creem que Gaio Tício Justo era o nome completo de uma única pessoa; veja p. 68, nota 60.

Os outros têm nomes gregos (Estéfanos, Acaico, Erasto), e desses pelo menos Estéfanos e Erasto eram provavelmente abastados. Entretanto, de acordo com o que foi dito anteriormente *não muitos* deles vieram de faixas socioeconômicas mais elevadas (1.26); na verdade, os indícios de uma passagem posterior (7.20-24) sugerem que alguns eram escravos. A menção à casa de Estéfanos (1.16) provavelmente reflete uma situação em que, além de sua família, havia escravos ou alforriados que permaneciam com a família (veja comentário de 16.15-17). Se nossa interpretação do abuso deles contra a mesa do Senhor está correta (11.17-34), algumas das tensões na comunidade aconteciam entre alguns dos mais abastados e os pobres.<sup>11</sup>

Não obstante houvesse alguns crentes judeus na comunidade, quase nada na carta em si aponta para um ambiente judaico.<sup>12</sup> Pelo menos três ocasiões que falam do antigo modo de vida dos coríntios indicam explicitamente que eles eram ex-idólatras e, por conseguinte, em sua maior parte gentios (6.9-11; 8.7; 12.2). Outros pontos também dão a entender isso: por exemplo, toda a questão de ir a festas nos templos (8.1—10.22; veja esp. 8.10) é um fenômeno estritamente gentio; a atitude diante do casamento, pensando que é pecado (cap. 7), dificilmente se encaixa no judaísmo, até mesmo no judaísmo helenístico; recorrer ao procônsul ou aos juizes da cidade para arbitrar sobre um assunto (6.1-11) se encaixa no processo normal dos gregos e romanos dentro da cidade, ao passo que os judeus eram proibidos de pedir aos gentios que julgassem. A defesa que eles fazem do direito de ir atrás de prostitutas (6.12-20) e sua negação de uma ressurreição física futura (15.1-58) também soam mais helenísticas do que judaicas.

<sup>11</sup>Cf. Theissen, p. 69-174, cuja tese geral é que essa tensão é a causa básica das divisões na igreja — embora ele entenda que era especificamente mais uma rivalidade entre os ricos.

<sup>12</sup>De tempos em tempos, alguns têm defendido essa ideia [de Paulo se dirigindo a um ambiente judaico]. Veja, e.g., J. M. Ford, “The First Epistle to the Corinthians or the First Epistle to the Hebrews”, *CBQ* 28 (1966), p. 402-16 (quanto a outras questões, veja o Índice), e a tese de doutorado de J. B. Hurley (veja bibliografia). Cf. tb. os argumentos analisados adiante (p. 15) em que B. Pearson, R. A. Horsley e J. A. Davis defendem antecedentes filônicos. Mas esse ponto de vista tropeça nos dados explícitos da carta.

A tese de Hurley é um exemplo esp. interessante, mas não convincente, de lógica acadêmica. Na verdade, não existe indicação *explícita* de espécie alguma de que 1Coríntios seja dirigida a judeus, ao passo que há várias dessas indicações de que os crentes eram gentios. Assim, Hurley tenta duas coisas: (1) mostrar que as referências tanto explícitas quanto implícitas não exigem *necessariamente* uma congregação gentílica (esse é o ponto em que ele menos convence); (2) mostrar que, ao *pressupor* um público judeu, é possível entender as várias questões. Quanto a isto, ele é mais bem-sucedido em algumas (e.g., 11.2-16) do que em outras (6.12-20; 7.1-40; 8—10). É surpreendente que alguém imagine que, ao escrever à cidade mais helenística do NT, aquele que se identifica como o “apóstolo aos gentios” estivesse escrevendo a uma congregação de judeus da Diáspora. Todos os indícios sugerem o contrário.

Assim, o quadro que emerge é de uma comunidade predominantemente gentílica, cuja maioria estava, com quase toda a certeza, na parte mais baixa da escala socioeconômica, embora houvesse duas ou três famílias ricas. Na condição de ex-pagãos, trouxeram para a fé cristã uma cosmovisão e uma atitude helenísticas na questão do comportamento ético. Apesar de serem a igreja cristã em Corinto, uma dose excessiva de Corinto ainda permanecia neles, vindo à tona em várias atitudes e comportamentos que exigiam uma cirurgia radical, mas que não matasse o paciente. É isso que essa carta tenta fazer.

## A igreja e seu apóstolo

*O problema.* Nossa Primeira Carta aos Coríntios é uma resposta circunstancial e *ad hoc* à situação que havia se desenvolvido na igreja de Corinto no período entre a época que Paulo saiu da cidade, em algum momento em 51-52 d.C.,<sup>13</sup> e a composição de nossa carta cerca de três anos depois. A dificuldade em identificar a natureza dessa situação é intrínseca ao texto. Em resposta a informações recebidas (1.11; 5.1; 11.18) ou à carta vinda de Corinto (cf. 7.1), Paulo trata de pelo menos onze assuntos importantes diversos, até um pouco díspares, dez dos quais dizem respeito a comportamento; apenas a questão da ressurreição dos mortos (cf. cap. 15) é essencialmente teológica, e mesmo nesse caso ele conclui as duas seções principais com advertências e imperativos éticos (cf. v. 33,34,58). Mas, em cada caso, sua preocupação maior é a posição teológica por trás do comportamento. A uma distância tão grande da carta, nossa dificuldade é tríplice: (1) descobrir a relação, se de fato existe alguma, que esses vários itens têm entre si; (2) determinar o relacionamento da comunidade com Paulo; e (3) identificar quais influências/posições na “teologia” coríntia permitiram que eles não apenas adotassem tal comportamento, mas também defendessem o direito de adotá-lo.

Do ponto de vista da história, essas questões foram, em sua maior parte, solucionadas (pelo menos as percebidas) quando Paulo *informou* ou então *corrigiu* os coríntios em áreas em que eram falhos ou haviam se desviado. Nesse aspecto, nossa carta geralmente tem sido entendida como uma *resposta à sua divisão em partidos*, em que Paulo toma o lado de um dos partidos contra o outro (ou, algumas vezes, conforme se alega, ele fala a ambos os grupos). Há, no entanto, uma série de dificuldades com esse ponto de vista:

<sup>13</sup>Essa é uma das poucas datas do NT identificadas com segurança e a partir da qual se chega à maioria das datas paulinas. Sabemos disso em virtude da inscrição de Gálio (veja a discussão em Murphy-O'Connor, *Corinth*, p. 141-52) e das referências em Atos 18.12, que colocam Paulo e Gálio em Corinto em algum momento entre 50 e 52 d.C.



(a) Que existe alguma forma de divisão interna na igreja é evidente com base em três passagens: 1.10-12; 3.4,5; 11.18,19. A resposta de Paulo ao abuso deles contra a ceia do Senhor sinaliza que essa divisão tem, no mínimo, bases socioeconômicas (11.17-34; cf. 1.26; 7.20-24; 12.13); mas é discutível se também tem bases espirituais/teológicas. O que há de se notar é que nada nos últimos dois terços da carta (caps. 7-16), quando Paulo está respondendo à correspondência deles, chega a sugerir isso. Na verdade, provavelmente é um grande equívoco imaginar a igreja dividida em “partidos”,<sup>14</sup> visto que nada na própria carta oferece muita pista sobre como isso pode ser entendido.<sup>15</sup>

(b) Com exceção de duas passagens (7.1-40 e 11.2-16) — e mesmo nelas Paulo se opõe ao ponto de vista dos coríntios —, a linguagem e o estilo de 1Coríntios são especialmente retóricos e combativos. Paulo os enfrenta quase o tempo todo. Não há nada que sugira que esteja informando ou então apenas corrigindo; em vez disso, ele está atacando e desafiando com todas as armas de seu arsenal literário. Se 1Coríntios é resposta à carta deles, na qual pedem a Paulo para arbitrar as divergências entre eles, então é necessário concluir que ele a entendeu muito mal.

(c) A carta é, em sua totalidade, dirigida à igreja toda, sem indicação de que esteja falando ora a um grupo, ora a outro. Quase tudo está na segunda pessoa do plural, com exceção de alguns casos em que ele muda para a segunda do singular, talvez tendo em vista alguma(s) pessoa(s) específica(s).<sup>16</sup> Se Paulo estivesse resolvendo divergências entre eles, seria de esperar pelo menos alguma palavra nesse sentido. Mas não há.

O conjunto desses fatores sugere que o ponto de vista tradicional tem falhas em pontos cruciais. O que é necessário é uma maneira de olhar a carta que mantenha todos esses itens em harmonia em uma estrutura mais coerente.

*Uma proposta de reconstrução.* A posição básica deste comentário é que a *situação histórica* em Corinto era basicamente de *conflito entre a igreja e seu fundador*. Essa posição não nega que a igreja estivesse passando por conflitos internos, mas argumenta que o problema maior de “divisão” era entre Paulo e

<sup>14</sup>Sobre isso, veja esp. a introdução a 1.10-4.21 e o comentário de 1.12. Cf. tb. a introdução a 2.6-16 e 12-14, passagens cuja interpretação — bastante incorreta, ao que parece — também é que revelam “grupos” dentro da própria igreja. Mas na realidade Paulo não diz nada disso, e a exegese dessas passagens revela em cada uma delas um tipo bastante diferente de problema.

<sup>15</sup>É usual interpretar os “fracos” e “gnósticos” dos capítulos 8-10 como membros dos “partidos” de 1.11. Mas isso é altamente questionável, e, seja como for, nesses capítulos não há indício de qualquer espécie de que a igreja esteja internamente dividida sobre o assunto. Veja o comentário (introdução a 8.1-11.1).

<sup>16</sup>Veja comentário de 4.7; cf. 7.21,27; 8.9,10; 14.16,17; 15.36,37.

alguns da comunidade que estavam conduzindo a igreja como um todo a adotar uma posição antipaulina. Para Paulo, esse conflito representa uma dupla crise: em relação a sua autoridade e em relação a seu evangelho. Além disso, o mais provável é que a questão-chave entre eles e Paulo, a qual gerou essas duas crises, tivesse relação com o entendimento coríntio sobre o que significa ser “espiritual” (*pneumatikos* = uma pessoa do Espírito). Vários fatores estão implicados nessa interpretação:

1. O QUE OCACIONOU 1CORÍNTIOS. Nossa carta registra a terceira ocasião em que Paulo trata com essa igreja. O entendimento mais plausível dessa interação é que a presente carta é a terceira em uma troca de correspondência entre Paulo e Corinto. Assim:

(i) O primeiro contato de Paulo com eles foi a visita de fundação mencionada em Atos 18 (c. 49-51 d.C.), uma visita com uma característica peculiar: a duração da estada. Embora tanto a passagem de Atos quanto nossa presente carta nos forneçam algumas informações sobre a composição da comunidade, não ficamos sabendo nada acerca de seu tamanho, do(s) local(is) e horários de suas reuniões nem das características de sua liderança.

(ii) Alguns anos depois, enquanto estava em Éfeso, Paulo escreveu a carta à qual, aqui em 1Coríntios, ele se refere como carta anterior à comunidade (5.9). Embora não se possa ter certeza do que motivou a carta, pelo menos ele tratou de alguns problemas de imoralidade sexual: disse aos crentes de Corinto para não se relacionarem com fornicadores, com o que quis dizer que não deviam se relacionar com *irmãos* que estavam procedendo dessa maneira. Além de fornicadores, ele também passa a mencionar os avarentos, ladrões e idólatras (5.10). Paulo tratou também destes na carta anterior? O melhor palpite parece ser que sim, pelo menos no que se refere à questão da idolatria, porque esse problema também surge em nossa carta de uma maneira que faz mais sentido caso Paulo já tenha falado a respeito na carta anterior.

Se, de fato, a carta anterior tratou de pelo menos duas das questões que voltam à tona nessa carta, a saber, fornicação e idolatria, então o mais provável é que aquela carta também tenha sido escrita como algum tipo de reação à situação em Corinto. Com base em 1Coríntios 5, fica claro que os próprios coríntios no mínimo entenderam equivocadamente a carta; parece quase certo que, na verdade, eles a desconsideraram (veja comentário de 5.9-11).

(iii) Isso conduz, então, à nossa 1Coríntios, que foi basicamente ensejada por uma carta que Estéfnas, Fortunato e Acaico levaram a Paulo (16.15-17), uma carta que faz mais sentido quando considerada em circunstâncias bem

comuns — *como resposta deles à carta de Paulo*.<sup>17</sup> Tendo em conta a natureza combativa de boa parte da resposta do apóstolo, parece altamente provável que os coríntios, em sua carta, tenham feito fortes objeções a várias das posições e/ou proibições de Paulo. A atitude de Paulo com a carta da igreja e, por conseguinte, com os coríntios é agravada ainda mais por uma mensagem oral enviada por alguns crentes da casa de Cloé (1.11), que encheram os ouvidos do apóstolo com informações sobre o que estava acontecendo em Corinto e das quais, com base na carta deles, Paulo provavelmente suspeitava, mas agora tinha certeza. A chegada de pessoas ligadas a Cloé *pelo menos* ajuda Paulo a entender melhor a carta deles.<sup>18</sup>

As dificuldades de Paulo para escrever essa carta são basicamente duas: Por um lado, ele tem de reafirmar sua autoridade em uma situação em que ela estava seriamente enfraquecida. Isso se torna mais difícil pelo fato de ele usar a ilustração do servo como modelo de liderança na igreja (3.5-9; 4.1-5) — como ele reafirmará sua própria autoridade sobre os coríntios sem ao mesmo tempo destruir a perspectiva dessa ilustração?<sup>19</sup> Por outro lado, ele precisa convencê-los a mudar tanto a teologia quanto o comportamento para que estejam em conformidade com a teologia e o comportamento do próprio apóstolo, pois eles, os coríntios, estão se movendo na direção de posições que ameaçam o próprio evangelho — da mesma maneira que os judaizantes da Galácia estavam caminhando em outra direção.

2. A OPOSIÇÃO. Os indícios disponíveis deixam claro que no período entre Paulo deixar a igreja, o que está registrado em Atos 18.18, e escrever nossa 2Coríntios alguma animosidade se desenvolveu entre ele e essa igreja. Ao que parece, essas tensões chegaram ao clímax por ocasião de uma visita inesperada que ele lhes faz (2Co 2.1-4). Os indícios de nossa carta mostram que o problema já vinha “fermentando” antes dessa visita “dolorosa”. A pergunta é: onde 1Coríntios se encaixa nesse quadro?

(i) Em contraste marcante com 2Coríntios e Gálatas, 1Coríntios oferece poucos indícios — praticamente nenhum — de que a igreja já havia sido invadida pelos intrusos mencionados nos capítulos finais de 2Coríntios (10—13).

<sup>17</sup>Apesar de boa parte da reconstrução que Hurd faz da relação entre Paulo e Corinto não ser convincente, ele tem o crédito de ter levado a sério essa probabilidade histórica bastante razoável (veja esp. p. 50-8). A maioria dos comentaristas costuma desprezar qualquer relação entre a primeira carta de Paulo para eles e a carta deles para Paulo.

<sup>18</sup>Essa ordem de eventos não pode ser provada, mas parece fazer sentido. Também nos ajuda a entender as aparentes discrepâncias entre o que realmente está acontecendo na igreja e a postura “oficial” apresentada pelos coríntios em sua carta (e.g., 1Co 11.2).

<sup>19</sup>Veja esp. comentário de 4.14-21.

Na verdade, a menção em 1Coríntios (9.12) a alguns “outros” que recebem contribuições materiais dos coríntios é a única possível referência a intrusos, mas o contexto não exige essa interpretação. Assim, não é muito apropriado falar dos “adversários” de Paulo no sentido usual da palavra, isto é, como referência a agitadores vindos de fora.<sup>20</sup> Pelo contrário, a oposição é liderada por “alguns de vocês” (15.12; cf. 4.18).

(ii) A presente carta reflete o problema em uma fase intermediária. A situação não é boa; a relação entre Paulo e a igreja está se deteriorando visivelmente, mas, ao que parece, ainda não virou uma hostilidade aberta. Eles ainda estão se comunicando por carta. No entanto, um sentimento claramente antipaulino se desenvolveu na igreja. *Iniciado por uns poucos*,<sup>21</sup> esse sentimento está infectando *quase todos*.<sup>22</sup> Por isso, embora com certeza haja divisões dentro da própria comunidade (provavelmente por razões sociológicas), a forma mais grave de “divisão” é aquela entre a *maioria* da comunidade e o próprio Paulo. Eles se opõem a ele em quase todos os assuntos. A questão-chave aqui é o fato de contestarem a autoridade de Paulo. Que direito ele tem de falar com eles como fez na carta anterior, pois, com base nos critérios dos próprios coríntios, há muita dúvida sobre se ele é realmente *pneumatikos* (uma pessoa do Espírito) ou um profeta (cf. 14.37).

Não se pode ter certeza de como essa situação se desenvolveu. Os indícios fornecidos por três passagens diferentes (caps. 1—4, 9 e 14) sugerem que foi uma combinação de vários fatores. (1) No argumento inicial (caps. 1—4), parece certo que, talvez em decorrência do ministério de Apolo, os coríntios haviam começado a pensar em sua nova fé como equivalente à *sophia* (sabedoria), como se, em comparação com outras, ela fosse a expressão máxima da *sophia* divina. Por esses novos critérios, nem Paulo nem seu evangelho se saíam bem. Quanto ao *conteúdo* da sabedoria, consideravam que seu evangelho e sua pregação eram algo como “leite” para bebês, ao passo que eles haviam progredido para um alimento mais estimulante feito para os “maduros” (veja 2.6; 3.1). Assim também com relação à *forma* da sabedoria, eles desdenhavam em especial o fato

<sup>20</sup>Quanto a isso, Ellis está certo em sustentar que “em 1Coríntios [...] não há [...] oponentes” (p. 103). Mas, para rejeitar totalmente a ideia de oposição, parece que ele ignora coisas demais nessa carta.

<sup>21</sup>Veja comentário de 1.12; 4.3,6,18–20; 9.3; 10.29,30; 14.37; 15.12.

<sup>22</sup>A esse respeito, deve-se assinalar que, embora às vezes Paulo se refira àqueles da comunidade que se opõem a ele (e.g., 4.18–20; 9.3), a carta em si é dirigida à igreja toda; e, com apenas duas notáveis exceções (7.1–40; 11.2–16), os membros da igreja são submetidos a uma artilharia bastante pesada (cf. 1.10–4.21, com sua combinação de ironia, retórica e sarcasmo; ou 5.1–13 e 6.1–11, em que ele critica a igreja toda muito mais do que as partes culpadas [esp. o sarcasmo ferino de 6.5]; ou 8.1–11.1, em que ele se defende com o emprego de todo tipo de argumento).

de Paulo não ter as habilidades retóricas que normalmente acompanhavam a *sophia* (cf. 1.17; 2.1–5).

A esta altura, é preciso salientar que o argumento inicial *não* termina no final do nosso capítulo 3 (v. 18–23), que é como muitos comentaristas tendem a ler, mas com a defesa razoavelmente longa de seu ministério apostólico que vem em seguida (4.1–21).<sup>23</sup> Isso sugere que as “divisões” precedentes não são somente uma questão de preferência desse ou daquele mestre. Todos estão também resolutamente contra Paulo. Logo no início desse capítulo, ele assinala que foi julgado por eles (v. 3). Esse comentário é seguido pela observação (v. 6) de que se encheram de orgulho *a favor de* um (Apolo) e *contra* o outro (Paulo). No final do argumento ele diz que lhes enviou Timóteo para que sejam de novo lembrados do modo de proceder *de Paulo* e voltem a esse proceder. Ele conclui com uma observação final incisiva sobre alguns que vinham sendo arrogantes com ele e com sua ida a eles, e pergunta à igreja toda como deseja que seja sua próxima ida: com uma vara de disciplina ou com um espírito manso? Conforme defendido no comentário, os três itens logo em seguida (o texto todo dos caps. 5 e 6) também são mais bem entendidos como reflexo dessa mesma crise de autoridade com respeito ao direito de Paulo de orientar os assuntos da igreja de Corinto.

(2) O mesmo tipo de defesa ferrenha surge de novo um pouco adiante (cap. 9), no meio de uma discussão em que parece claro que Paulo e seus oponentes discordam fortemente. De novo ele os acusa de julgá-lo (v. 3). O problema em questão é o fato de rejeitarem a proibição, imposta por Paulo, de participarem de festas aos ídolos nos santuários pagãos (veja a introdução a 8.1–11.1 e esp. 8.10). Parece que a rejeição foi expressa, pelo menos em parte, em consequência daquilo que, na percepção deles, era um comportamento vacilante no que diz respeito à comida adquirida no mercado: ele comia essa comida em alguns ambientes, mas se abstinha dela em outros (veja comentário de 9.19–23; cf. 10.29–33). Aliás, sobre esse assunto ele faz uma crítica dura a seus adversários na conclusão do raciocínio. “Se participo da refeição com ação de graças, por que sou condenado por causa de algo pelo qual agradeço a Deus?” (10.30).

Contudo, ao defender essas suas ações, ele também aborda outra área de tensão entre eles — seu trabalho com as próprias mãos na atividade degradante (para um “homem sábio”) de fabricar tendas e sua concomitante recusa em aceitar sustento financeiro deles (como na patronagem) (veja comentário de 9.3–14). O fato de essa questão surgir novamente na outra carta (preservada)

<sup>23</sup>É muito provável que 2.15 seja uma crítica secundária à acusação deles: “O *pneumatikos* [neste caso se referindo a si mesmo] [...] não está sujeito ao julgamento de ninguém”.

que lhes escreveu (2Co 11.8,9; 12.13) revela que essa era uma ferida aberta entre eles. Ao que parece, eles estavam ofendidos por ele não aceitar a patronagem da parte deles ou então questionavam o apostolado de alguém que agia assim — ou talvez as duas coisas!

(3) Por último, em outra passagem (14.37) em que Paulo e os coríntios estão em conflito, ele afirma em um estilo *ad hominem*: “Se alguém acha que é profeta ou de alguma forma dotado pelo Espírito [*pneumatikos*], reconheça que o que estou escrevendo a vocês é o mandamento do Senhor”. E conclui declarando sua condenação sobre aqueles que deixam de reconhecer que sua palavra tem autoridade entre eles.

Um homem que fala assim — e esse é o tom do argumento inteiro (com exceção do cap. 7 e de 11.2–16) — *não* está tentando *informar* os leitores em razão de uma compreensão deficiente da parte deles; nem está tentando reconciliar facções beligerantes. Além do mais, a carta não é escrita a um grupo nem é dirigida contra os cabeças da oposição.<sup>24</sup> Pelo contrário, Paulo está no ataque, disputando com eles, discutindo com eles, tentando convencê-los de que ele está certo e eles estão errados. Vez após vez, ele recorre à retórica (“Vocês não sabem que...?” [dez vezes]; ou “Se alguém/alguém de vocês acha que é... /Aqueles que acham que...” [três vezes]), ao sarcasmo e à ironia. Dessa maneira, a carta é basicamente um confronto do apóstolo Paulo com a congregação coríntia como um todo, ou pelo menos com a comunidade de modo geral.

3. O(S) PONTO(S) DE DISCÓRDIA. O mais provável é que os insurgentes não estejam apenas questionando a autoridade de Paulo, mas também modificando o evangelho para torná-lo mais próximo do helenismo. Para Paulo, essas duas crises sempre se sobrepõem. Não é sua pessoa que está em jogo quando negam sua autoridade, mas o evangelho que ele prega. Negar um é negar o outro. O mais provável é que a questão-chave entre eles seja um problema teológico básico: o que significa ser *pneumatikos* (“espiritual” = uma pessoa do Espírito). O problema aqui não é tanto uma questão de elitismo entre eles — não há uma única insinuação disso na longa passagem em que esse assunto é tratado (caps. 12–14; i.e., que alguns se sentem superiores aos outros por causa de seus dons ou que outros se sentem inferiores por causa da falta deles). Essa resposta habitual não se baseia em nada explícito no texto, mas é imposta ao texto a partir de fora.

É mais provável que o problema seja que eles acham que são *pneumatikoi* — mas não estão tão seguros de que o próprio apóstolo o seja (cf. 14.37). Aliás,

<sup>24</sup>Apenas 4.18; 9.3; e 15.12 os mencionam de forma explícita, embora provavelmente também estejam em vista no tríplice “se alguém pensa que é (sábio, cheio de conhecimento, espiritual)” (3.18; 8.2; 14.37).

é possível que aqui tenham feito algumas comparações revoltantes entre ele e Apolo (embora 16.12 deixe claro que nenhum dos dois estava envolvido em tal dissensão). De todo modo, Paulo parece sentir a necessidade de explicar, e até gloriar-se em, suas fraquezas como uma demonstração do seu evangelho (cf. 2.1-5; 4.9-13; 15.8-11).

Embora seja impossível afirmar com certeza, a compreensão que eles têm do que é ser *pneumatikos* provavelmente está mais relacionada com sua experiência de inspiração pelo Espírito, em especial com sua ênfase exagerada no dom de línguas (veja esp. a introdução aos caps. 12—14). A certa altura (14.23), de forma retórica, mas ainda assim realista, Paulo diz que, se todos eles se reunirem no mesmo lugar e todos falarem em línguas, alguém de fora dirá que estão loucos. Isso, mais a própria necessidade de limitar a manifestação desse dom a “uma de cada vez” e a não mais do que duas ou três em sequência, sugere que eles estavam excessiva e peculiarmente entusiasmados com esse dom. Se, conforme sugerido, “falar línguas [...] de anjos” (13.1) reflete a maneira pela qual eles mesmos compreendiam esse dom, então é possível começar a ver como eles o tornaram o critério básico para sua compreensão da espiritualidade. Para eles, a glossolalia era a prova de que já tinham passado a ter a existência espiritual dos anjos.

Por sua vez, provavelmente isso está relacionado ao interesse deles em *sophia* e *gnōsis* (sabedoria e conhecimento), duas palavras que ocorrem principalmente no contexto de aberrações comportamentais específicas (caps. 1—4 e 8—10, respectivamente). Por meio do Espírito, eles passaram a ter de forma especial ambos os “dons”. São “espiritualmente” dotados, portanto têm sabedoria especial e conhecimento superior. Provavelmente não é por acidente que a frase “Se alguém acha que...” // “Aqueles que acham que” // “Se algum de vocês acha que...” (3.18; 8.2; 14.37) seja encontrada em cada uma das três principais seções da carta (caps. 1—4; 8—10; 12—14) e reflita esses três termos cruciais dos coríntios (“sabedoria”, “conhecimento” e “espiritual”).

Ainda relacionada com isso está a compreensão aparentemente “espiritual” que eles tinham dos sacramentos, segundo a qual aquele que foi batizado e participa do “alimento espiritual” da mesa do Senhor também encontra segurança (10.1-5), de modo que o comportamento nesta vida tem pouco ou nenhum efeito sobre a verdadeira espiritualidade da pessoa.

É claro que tudo isso se opõe radicalmente tanto a Paulo quanto ao seu evangelho e redundante em *kauchēsis* (“vanglória”, ou falsa confiança). Por isso, eles estão “inchados” de orgulho e cheios de arrogância (4.6,18; 5.2; 5.6) e até mesmo há imoralidade gritante entre eles — pois tampouco é afetada a sua verdadeira condição espiritual por tais coisas.



Intimamente ligadas a isso estão duas outras aberrações teológicas cruciais. (i) Sua cosmovisão tem sido “contaminada” (entranhada a vida inteira até então) pelo dualismo helenístico. Uma vez que eram “espirituais”, não viam com bons olhos a ideia de continuar existindo no mundo material, até mesmo no corpo.<sup>25</sup> Esse é o aspecto ao qual Walther Schmithals<sup>26</sup> e outros (e.g., U. Wilckens<sup>27</sup> e R. Jewett<sup>28</sup>), que defendem que os coríntios eram “gnósticos”, deram atenção. Mas essa linguagem não apenas é anacrônica,<sup>29</sup> como também não descreve adequadamente esse aspecto da espiritualidade coríntia. Nenhum dos fenômenos essenciais do gnosticismo está presente nessa carta, à exceção do dualismo, o qual pode ser explicado com outros fundamentos.

Apesar de continuarem existindo em corpo físico, os coríntios consideram que são os “espirituais”; eles já são como os anjos. Assim, visto que de sua perspectiva o corpo é escatologicamente insignificante (cf. 6.13; 15.12), ele também não tem importância no presente. Essa atitude em relação à existência corpórea é responsável, pelo menos em parte, por coisas como a negação de uma ressurreição física futura (15.12) e a natureza, evidentemente contraditória, de, por um lado, aceitar a imoralidade sexual e, por outro, rejeitar as relações sexuais no casamento (6.12-20 e 7.1-6).

(ii) Por último — e temos aqui algo que pode estar proximamente ligado à questão anterior —, existe a possibilidade de que eles, no que diz respeito à sua existência presente, tenham tido uma visão escatológica consideravelmente “ultrarrealizada”,<sup>30</sup> para a qual cunhei a expressão deselegante “escatologia espiritualizada”. Essa seria uma decorrência direta de sua ideia de serem *pneumatikoi* (pessoas do Espírito, cuja existência presente deve ser entendida em termos estritamente espirituais). A vinda do Espírito pertence ao *eschaton*, e eles já estão experimentando o Espírito ao máximo. Se o dom de línguas é entendido como a “língua dos anjos”, então para eles sua experiência de glossolalia é prova de que “já chegaram lá” (eles já falam a língua do céu).

Mas é incerto que também tenham uma ideia apocalíptica judaica do Fim; o mais provável é que adaptaram e incorporaram essa ideia em seu esquema de

<sup>25</sup>Sendo esse o caso, e parece que todos os dados apontam nessa direção, daí o jogo de palavras “da carne” (= constituído de carne) e “da carne” (= viver de acordo com o ponto de vista da velha era) em 3.1-3. Veja o comentário.

<sup>26</sup>*Gnosticism* (veja bibliografia).

<sup>27</sup>*Weisheit* (veja bibliografia).

<sup>28</sup>*Paul's anthropological terms: a study of their use in conflict settings*, AGJU 10 (Leiden, 1971).

<sup>29</sup>Veja a crítica em, *inter alia*, R. McL. Wilson, “How Gnostic were the Corinthians?”, *NTS* 19 (1972/1973), p. 65-74; e Pearson, p. 51-81.

<sup>30</sup>Acerca disso, veja esp. A. C. Thiselton, “Realized eschatology at Corinth”, *NTS* 24 (1977/1978), p. 510-26.



“espiritualidade”, no qual consideravam que sua atual existência espiritual era uma conjectura daquilo que haverá de ser, descontando o corpo físico. Do ponto de vista deles, não era tanto uma questão de que o “tempo” do futuro havia se tornado uma realidade presente para eles, mas que a “existência” do futuro havia se concretizado. Agora eles estão experimentando um tipo de espiritualidade derradeira em que vivem *acima* da existência meramente material da era presente.

Caso a versão lucana do dito de Jesus sobre ressurreição e casamento (Lc 20.35) seja a conhecida nas igrejas paulinas (“Aqueles considerados dignos de participar daquela era e da ressurreição dos mortos nem se casarão nem serão dados em casamento e já não poderão morrer, pois são como os anjos”), então é bem possível que Robin Scroggs esteja certo quando diz que parte do problema nos capítulos 7 e 11 está relacionado com algumas “mulheres escatológicas”, que já estão vivendo como se tivessem entrado totalmente na nova era.<sup>31</sup>

Isso também explicaria em parte a atitude deles para com Paulo (cujas fraquezas deixam claro que ele *não* tinha “chegado lá”) e o motivo pelo qual Paulo com tanta frequência enxerga a presente existência deles à luz do futuro, visto que eles também ainda não “chegaram lá” (1.5-8; 3.13-15,17; 4.5; 5.5; 6.13,14; 7.26-31; 11.26,32; 15.24,51-56; 16.22). Assim, com sarcasmo refinado, em 4.8 Paulo avalia a presente atitude deles (eles “já” estão ricos, fartos e reinando) e à luz da presente existência apostólica julga que essa atitude é deficiente (4.9-13).

4. A FONTE DA FALSA ESPIRITUALIDADE DOS OPOSITORES. Embora nem todos organizem os vários elementos dessa maneira, entre os estudiosos há um crescente consenso de que esses são os elementos básicos da teologia falsa dos coríntios. Já quanto à questão da origem do problema, tanto na sua dimensão antipaulina quanto na teológica, não há esse mesmo consenso. Várias sugestões têm sido feitas:

(i) J. C. Hurd<sup>32</sup> sugeriu que a maioria dos problemas tem origem no próprio Paulo. Em uma interpretação que desconsidera totalmente o valor histórico de Atos para datar as atividades de Paulo, Hurd propõe que a carta anterior (5.9) foi escrita em consequência do decreto apostólico (At 15.29). Nessa carta, para se acomodar ao decreto de Jerusalém, Paulo fez algumas mudanças claras em relação à sua pregação anterior em Corinto. O resultado prático é que na carta para o apóstolo os coríntios são mais fiéis ao pensamento do antigo Paulo do que este foi em sua própria carta. Nossa 1Coríntios termina sendo um meio-termo, em que ele evita a cautela excessiva da carta anterior e as posições extremadas de sua pregação anterior, que agora são encontradas nas crenças coríntias. Apesar

<sup>31</sup>Veja as introduções ao capítulo 7 e a 11.2-16.

<sup>32</sup>*The origin of I Corinthians*, 2. ed. (Macon, 1983), p. 213-96.

de um número considerável de contribuições proveitosas sobre o relacionamento entre Paulo e Corinto, essa tese, quando testada com os indícios concretos de 1Coríntios e das cartas anteriores e posteriores a 1Coríntios (1 e 2 Tessalonicenses; 2Coríntios, Romanos<sup>33</sup> e Gálatas), se mostra deficiente, especialmente no que diz respeito à mudança radical de posição de Paulo, em que este passou da liberdade extrema (pregação anterior [tese]) para restrições (carta anterior [antítese]) e então para a moderação (1Coríntios [síntese]).<sup>34</sup>

(ii) Mais recentemente, Birger Pearson, Richard Horsley e James Davis<sup>35</sup> defenderam que o erro coríntio tem origem na especulação sapiencial do judaísmo helenístico, seja a sabedoria personificada associada a Filo (Horsley), seja a sabedoria da Torá do tipo encontrado em Eclesiástico ou em Qumran (Davis). Esses estudiosos reuniram um volume considerável de indícios para mostrar possíveis paralelos entre a linguagem supostamente coríntia e a linguagem daqueles textos. O que é menos certo é que os paralelos reflitam o que é essencial à tradição judaica sobre a sabedoria em vez de refletir a forma helenizada dessa tradição. Na melhor das hipóteses, os paralelos admitem apenas a *possibilidade* de que os erros dos coríntios tenham tido origem nessa fonte.<sup>36</sup> O que continua incomprovável — e improvável — é que de fato tenham tido tal origem.

O problema básico com essa abordagem reside nos aspectos explicitamente gentílicos dessa carta, assinalados anteriormente (p. 4), que surgem em vários pontos cruciais. Em 8.1—10.22, os coríntios estão defendendo o direito de frequentar festas pagãs nos templos de ídolos, e alguns deles são incapazes de fazê-lo justamente porque estavam “outrora acostumados” a comer na presença do ídolo como se ele fosse um deus (8.7). É difícil imaginar o contexto em que um judeu da Diáspora faria tal defesa — até mesmo Filo ficaria chocado aqui.

<sup>33</sup>O argumento de J. R. Richards de que Romanos precede 1Coríntios não é nada convincente (“Romans and 1 Corinthians: their chronological relationship and comparative dates”, *NTS* 13 [1966/1967], p. 14-30).

<sup>34</sup>Entre outras, veja a crítica de Barrett, p. 7-8. Apesar de algumas propostas interessantes, os alegados paralelos entre nossa 1Coríntios e o decreto só subsistem com base na hipótese de certas conclusões exegéticas, as quais são, no máximo, incertas. Embora brilhante na sua concepção, a proposta de Hurd não tem conseguido atrair muitos seguidores.

<sup>35</sup>Consulte a bibliografia.

<sup>36</sup>Cf. Davis, p. 81: “Nossa investigação [...] revelou que é perfeitamente possível interpretar a manifestação de sabedoria em Corinto [...] tendo como antecedentes o judaísmo sapiencial tardio”. É possível aceitar isso, mas aquilo que ele acha que é confirmado pela análise de 2.6—3.20 também é uma mera possibilidade. Se Paulo está atacando uma forma de judaísmo helenizado, ela é mais perceptível como helenismo, e não como judaísmo. A incapacidade de aplicar esse esquema à carta toda — ou de contestar a natureza explicitamente pagã de boa parte do argumento deles — é o que em última análise inviabiliza o esquema, por mais atraentes que sejam alguns de seus aspectos.

Anteriormente, Paulo diz de forma explícita que “sabedoria” é o que os gregos buscam (1.22), enquanto os judeus pedem “sinais [miraculosos]”. Conforme Davis sustenta, não ajuda em nada atribuir essa declaração apenas à retórica de Paulo.<sup>37</sup> Mesmo como retórica, a declaração é bem explícita, enquanto a ideia de que a seção reflete uma homilia judaica midráshica contra a sabedoria é, na melhor das hipóteses, especulativa. Além disso, e de novo se dirigindo à igreja toda no contexto de sua ênfase equivocada no falar em línguas, Paulo diz que anteriormente eles foram enganados a seguir ídolos mudos (12.2) — o que dificilmente caracteriza um erro fundamentalmente judaico-helenístico.

(iii) Por isso, o mais provável é que a maior parte do erro provenha do antigo paganismo deles. Aliás, percebe-se pouca ou praticamente nenhuma tensão entre judeus e gentios nessa carta. Conforme assinalado anteriormente, pelo menos três textos destacam explicitamente como eram as coisas nos velhos tempos de paganismo deles (6.9-11; 8.7; 12.1-3). É provável que, em parte por causa das idas e vindas de Paulo e Apolo e em especial em virtude da eloquência de Apolo, eles tenham começado a pensar em seus mestres em termos semelhantes aos de filósofos itinerantes. Assim, começaram a enxergar sua nova fé como a nova *sophia* — a *sophia* divina. À luz disso e de sua experiência do Espírito, consideravam que haviam alcançado a própria *sophia*. Segundo esses novos critérios, nem o evangelho nem o apóstolo Paulo se saem muito bem. Daí o fato de rejeitarem Paulo e, com isso, rejeitarem tacitamente seu evangelho. Em tais condições, é possível entender a grande urgência de Paulo em reafirmar o evangelho como a mensagem de um Messias crucificado e em reafirmar-se como o apóstolo de tal Messias e tal mensagem.

Em todo caso, não há nada na carta que *não possa* ser explicado à luz das raízes greco-romanas deles, ao passo que é extremamente difícil explicar vários elementos com base na hipótese da origem judaico-helenística.

(iv) Por último, deve-se assinalar uma solução da “fonte” de um tipo bem diferente. Gerd Theissen tem argumentado que a melhor explicação para as tensões básicas tanto dentro da comunidade quanto entre alguns da comunidade e Paulo é de ordem sociológica. Uma vez que os ricos seriam os responsáveis pelo patrocínio financeiro (a patronagem) tanto das igrejas domésticas quanto dos mestres itinerantes, Theissen sugeriu que as facções rivais são igrejas domésticas e “patronos” rivais. Aqui também há algumas percepções extremamente propositivas; aliás, é possível modificar essa teoria para significar a rivalidade entre “patronos” e Paulo, alguns dos quais são os líderes dos sentimentos antipaulinos na igreja, e aí muitas coisas se encaixam, mesmo o fato de eles se meterem com

<sup>37</sup>Davis, p. 189, nota 26.

a questão da *sophia*, o “exame” que fazem de Paulo porque ele se recusou a aceitar patrocínio (9.1-19) e o abuso deles contra os pobres à mesa do Senhor.

O presente comentário adota essa perspectiva. Suas vantagens são que ela (1) leva a sério todos os indícios da carta, no que diz respeito tanto ao conteúdo quanto ao estilo, e (2) pode ser mantida de forma sistemática por toda a carta, unindo as diversas partes de uma forma coerente.<sup>38</sup>

## Algumas questões de crítica textual

De modo geral, 1Coríntios está notavelmente livre do tipo de questões que se encaixam nesse título. Os debates podem ser encontrados nas introduções ao Novo Testamento. É possível situar a carta seguramente na primavera (veja comentário de 16.8) de um dos anos 53 a 55 d.C., dependendo da época da partida de Paulo de Corinto (At 18.18) e da duração de sua estada em Éfeso. O único problema importante é se a carta é ou não uma unidade. Por diversos motivos, vários estudiosos a têm dividido (junto com 2Coríntios) em diferentes cartas enviadas por Paulo a Corinto.<sup>39</sup> O ponto de partida é a menção que Paulo faz à carta anterior em 5.9, a qual, conforme alguns postulam, é visível em algumas seções de 2Coríntios. Então, com base em supostas contradições entre algumas seções da 1Coríntios que chegou até nós, a carta foi dividida em três cartas.

Mas essas teorias emperram em quatro pontos: (1) O próprio fato de que existe tão pouca concordância entre as teorias sugere que as diversas reconstruções não são tão viáveis quanto seus defensores querem fazer crer. (2) As supostas contradições são sempre resolvíveis exegeticamente. Por exemplo, conforme argumentado neste comentário, as tensões que alguns encontram entre o início e o fim da passagem que trata de “comida sacrificada aos ídolos” (8.1-13 e 10.23-33) resultam do fato de Paulo tratar de duas questões bastante diferentes, ainda que relacionadas. (3) Em conexão com isso, essas teorias deixam de perceber uma forma básica de argumentação nessa carta, o padrão “A-B-A”.<sup>40</sup> Em cada caso, a primeira seção “A” coloca o assunto em uma ótica teológica mais ampla e mais geral; a seção “B” é uma digressão explicativa de algum tipo, mas assim mesmo crucial para o argumento como um todo; e a segunda seção “A”

<sup>38</sup>A tentativa de manter essa coerência pode ser encontrada especialmente nas diversas introduções, tanto às seções principais da carta quanto aos trechos menores.

<sup>39</sup>Veja especialmente a discussão em Hurd, p. 43-7.

<sup>40</sup>Veja comentário dos capítulos 1-3; 7.25-40; 8-10; 12-14. Cf. J. Collins, “Chiasmus, the ABA’ pattern and the text of Paul”, in: *Studia Paulinorum Congressus Internationalis Catholicus* (Rome, 1963), 2:575-84.

é a resposta bem específica para o assunto em pauta.<sup>41</sup> (4) Quando se consegue fazer perfeito sentido do documento na forma em que ele chegou até nós, tais teorias são tão desnecessárias quanto improváveis. Os indícios não parecem ser “suficientemente sólidos para suportar o ônus da prova que esse tipo de teoria deve sempre conter”.<sup>42</sup>

## Contribuições teológicas

Embora 1Coríntios não seja consultada com frequência — exceto pelos estudiosos — na busca pela teologia paulina, suas contribuições teológicas são bem óbvias na história da igreja. Pois aqui Paulo está fazendo o que sabe fazer melhor: aplicar o evangelho à esfera pública. Para ele, a verdade do seu evangelho é finalmente testada na sua capacidade de encontrar soluções para as exigências do dia a dia em algumas situações bastante complicadas. Muito se poderia dizer aqui; as observações a seguir estão limitadas a três áreas, sendo cada uma delas também crucial para a boa compreensão da carta como um todo.

*Escatologia.* Como acontece em todos os seus escritos, o arcabouço essencialmente escatológico do pensamento teológico de Paulo é bem visível nessa carta. Para Paulo, o foco desse pensamento é o evento Cristo — sua morte e ressurreição — e a dádiva subsequente do Espírito. A ressurreição de Cristo marca a passagem de uma era para outra; a dádiva subsequente do Espírito escatológico é evidência segura de que o Fim já começou. Mas o fato de que ainda vivemos em um corpo sujeito à decomposição (15.49–53) e de que há ainda uma parúsia futura do Senhor (11.26; 15.23) com uma subsequente ressurreição (15.20–28) também é um claro indício de que aquilo que começou ainda não foi levado à consumação completa. Assim, para Paulo, os crentes são um povo inteiramente escatológico, determinado e condicionado pela realidade do futuro que já começou, mas ainda aguardando a glória final. Por conseguinte, somos tanto “já” quanto “ainda não”.

Esse arcabouço está presente em toda a obra de Paulo, mas em nenhum outro lugar é mais evidente do que aqui. Isso vale não somente para seu linguajar (e.g., o reino de Deus existe tanto agora [4.20] quanto ainda não [6.9–11; 15.50]) e suas expectativas (e.g., mesmo com seus dons os coríntios ainda aguardam a revelação do Senhor Jesus [1.4–8]; à mesa do Senhor anunciamos sua morte até que ele venha [11.26]), mas sobretudo para o entendimento que

<sup>41</sup>Assim, (a) 8.1–13/(b) 9.1–27/(a) 10.1–22; (a) 1.10—2.5/(b) 2.6–16/(a) 3.1–23; (a) 7.15–28/(b) 29–35/(a) 36–40; (a) 12/(b) 13/(a) 14.

<sup>42</sup>Hurd, p. 47.

ele tem da vida cristã presente. Por um lado, porque o futuro já foi posto em movimento, a atual existência da pessoa é toda determinada por essa realidade (7.29-31). O povo de Deus vive “como se não”; ele não é condicionado, como os demais, pela ordem presente, que está acabando. Tal ponto de vista controla os imperativos éticos de Paulo a cada passo. À luz de sua existência escatológica, um crente não pode levar outro a tribunais pagãos porque coisas como receber compensação financeira por injustiça sofrida têm pouca importância (6.1-6); os cristãos não podem participar de festas pagãs porque os juízos contra a idolatria de tempos passados foram escritos como advertência para aqueles para quem o fim dos tempos chegou (10.11). Todos os valores e comportamentos puramente humanos já foram julgados por Deus em Cristo; a era presente já está terminando (1.26-28; 7.31). Assim, os crentes devem julgar suas causas internamente no tempo presente (5.12,13); a igreja precisa se purificar do fermento velho para que possa ser um pão novo (5.7,8).

Por outro lado, o futuro que já começou e condiciona totalmente a existência presente aguarda ainda sua consumação final. Mas tal futuro é tão certo como a própria vida. Repetindo, essa certeza foi assegurada pela ressurreição. Assim como Deus ressuscitou o Senhor, ele também nos ressuscitará (6.14; 15.1-28). Cristo é as primícias, a garantia dada pelo próprio Deus de que ocorrerá a colheita toda. Quando Cristo voltar, ele não apenas ressuscitará os mortos e transformará os vivos, mas também, por meio desses acontecimentos, terá finalmente destruído o último inimigo, a própria morte (15.24-28,54-57).

Mas nem o futuro certo nem a realidade da existência escatológica no presente significam que alguém já tenha plenamente “chegado lá”. A morte é nossa (3.22), mas alguns ainda morrem (11.30); o presente e o futuro são nossos (3.22), mas o paradigma da vida ética no presente é nosso Messias crucificado (4.10-13). Assim, a vida cristã é um paradoxo: contradições aparentes mantidas conexas em tensão. A garantia não se apoia nas circunstâncias presentes, mas na certeza absoluta do futuro que também já determinou nossa existência presente. Em sua totalidade, nossa carta tem de ser entendida como emanando desse arcabouço básico (veja comentário de 4.1-5; 6.1-6; 7.29-31; 15.12-28,35-38).

*O evangelho e a vida ética.* Relacionada com o arcabouço escatológico que acabamos de comentar está a insistência de Paulo na obediência radical a Cristo como a norma da existência cristã. Se Romanos e Gálatas deixam claro que a pessoa não é salva por meio da lei, essa carta deixa igualmente claro que se espera dos salvos que vivam em obediência aos “mandamentos de Deus” (7.19) e à “lei de Cristo” (9.21). Mesmo que tal obediência não seja exigida para entrar na fé, assim mesmo espera-se que decorra da fé.

Paulo entende a ética cristã como “tornar-se aquilo que você é”, uma perspectiva que vem à tona em 1Coríntios de inúmeras maneiras. Ele não poupa o uso do imperativo, mas sempre o utiliza no contexto da ação prévia de Deus em nosso favor em Cristo. Assim, Paulo ordena aos coríntios que se purifiquem do fermento velho para que possam se tornar um pão novo, porque em Cristo, a nossa Páscoa, eles já se tornaram um pão novo (“massa nova”, 5.7,8); eles não podem ir atrás de prostitutas porque seus corpos já foram separados para Cristo por meio da ressurreição dele e já são um E/espírito com ele (6.14-17); eles têm de parar de agir como em seu antigo estilo de vida pagão, caso contrário não herdarão o reino, mas ao mesmo tempo são lembrados de que alguns deles tinham sido assim e não são mais por meio de Cristo e do Espírito (6.9-11).

Nessa ética, há alguns absolutos, justamente porque alguns pecados são totalmente incompatíveis com a vida em Cristo (imoralidade sexual, 6.12-20; participar de festas nos templos pagãos, 10.14-22). Isso não é lei no sentido de obter uma posição de justo diante de Deus. Mas é um absoluto, visto que alguns comportamentos são totalmente contrários à natureza de Deus. Por outro lado, escrúpulos meramente religiosos — circuncisão (7.19); comida consagrada a ídolos adquirida no mercado (8.9-13; 10.23-30) — não têm importância para o crente, visto que tais coisas foram abolidas em Cristo. A única exceção é quando tal comportamento escandaliza outra pessoa (10.31-33).

O padrão para todo comportamento é o próprio Cristo (11.1) à medida que sua vida é exemplificada pela vida do apóstolo (4.16,17; 11.1). Assim, o evangelho não é transformado em lei, mas também não é despojado de seu verdadeiro efeito. Tudo é pela graça, mas a graça traz o Espírito, que capacita para a imitação de Cristo.

*A igreja.* Talvez a maior de todas as contribuições teológicas de nossa carta para a fé cristã seja a compreensão de Paulo acerca da natureza da igreja, sobretudo em sua expressão local. Se o próprio evangelho está em jogo na teologia e no comportamento dos coríntios, da mesma maneira sua expressão visível está em jogo na comunidade local das pessoas redimidas. O resultado final é que há aqui mais ensino sobre a igreja do que em qualquer outra das cartas de Paulo.

Duas grandes imagens predominam. Primeira imagem: a igreja local é o templo de Deus em Corinto (3.16,17). Com essa imagem, Paulo faz algumas afirmações importantes. (a) Sendo os coríntios templo de Deus, espera-se que vivam como a alternativa divina tanto aos templos pagãos quanto ao modo de vida que os rodeia. Aliás, é justamente essa a preocupação ao longo de boa parte da carta: há tantas áreas cinzentas que é difícil distinguir os cristãos de Corinto da Corinto em que vivem (cf. 5.1; 6.7; 10.32; 14.23). (b) O que os torna templo de Deus é a presença do Espírito Santo no meio deles. Assim, em contraste com



os ídolos mudos que os rodeiam, eles próprios são, pelo Espírito, o santuário do Deus vivo. E quando o Espírito de Deus se manifestar entre eles por pronunciamento profético, o coração dos pagãos será examinado e julgado e eles virão a reconhecer que Deus está no meio do seu povo (14.24,25). (c) Para Deus, o seu templo é tão sagrado que aqueles que o destruírem — como estão fazendo com seus conflitos e sabedoria mundana — serão destruídos por Deus (3.17). Esse entendimento de sua existência como um povo no meio do qual Deus está poderosamente presente por meio de seu Espírito possibilita compreendermos 5.1–13, que diz que a igreja é purificada com a remoção do homem incestuoso, mas que ele próprio experimentará a salvação por meio desse procedimento. Ao que parece, tirar esse homem dessa comunidade o levará ao arrependimento.

Segunda imagem: a igreja é o corpo de Cristo (10.17; 11.29; 12.12–26). Com essa imagem, Paulo faz basicamente duas afirmações importantes. (a) Por trás da imagem está a necessidade de unidade. Assim como acontece com a imagem anterior, a chave para a compreensão dessa unidade é a experiência coletiva que eles têm do Espírito (12.13). Quer judeu, quer grego, quer escravo, quer livre — eles são um em Cristo por meio do Espírito. Justamente porque eles são *um só* corpo em Cristo, os ricos devem parar de cometer abusos contra os pobres à mesa do Senhor (11.22,29); e os mais proeminentes não podem dizer aos menos proeminentes: “Nós não precisamos de vocês” (12.21–26). Deus dispôs o corpo de tal maneira que todos os membros são essenciais uns aos outros. (b) Mas o interesse maior de Paulo com essa imagem é a concomitante necessidade de diversidade. Em vez da uniformidade valorizada pelos coríntios, Paulo insta a que reconheçam a necessidade de todas as diferentes manifestações do único Espírito. Caso contrário, não há corpo, apenas uma monstruosidade (12.15–20).

Portanto, dada essa preocupação, chama a atenção o fato de que não aparece na carta ensino algum sobre a ordem eclesiástica propriamente dita. Não há menção a “presbíteros” ou aos “superintendentes” [“bispos”] e “diáconos” de Filipenses 1.1. Além disso, não existe uma única informação a respeito da natureza, do horário e dos líderes de suas reuniões de culto. Aparecem somente duas referências ao culto. De acordo com 11.17–34, eles se reúnem em um local para uma refeição que acontece junto com a ceia do Senhor. Mas nada sabemos sobre a frequência com que tomavam juntos essa refeição, nem sobre a relação entre essa refeição e a expressão de culto verbal mencionada em 14.26, quer esta última acontecesse junto com a primeira (bastante provável), quer fosse uma reunião à parte. De todo modo, Paulo enfatiza o caráter verdadeiramente coletivo desse culto. Deve-se tomar providências para que “cada um” participe, para que o corpo todo seja edificado. A finalidade desse culto é dupla. Por um lado, os cânticos, as orações e as ações de graças são dirigidos a Deus (11.13;



14.14-17); por outro, falas de vários tipos são dirigidas à comunidade, para que ela seja edificada.

É necessária uma última palavra sobre a grande importância dessa carta para a igreja de hoje. A natureza cosmopolita da cidade e da igreja, o individualismo gritante que se manifesta em tantas de suas aberrações comportamentais, a arrogância que acompanha o entendimento que eles têm de serem pessoas do Espírito, a conformação, em inumeráveis maneiras, do evangelho à cultura ao redor — esses e alguns outros aspectos da igreja em Corinto não passam de espelhos nos quais a igreja de hoje pode e deve se enxergar. Do mesmo modo, a necessidade do discipulado segundo o modelo da “fraqueza” de Cristo (4.9-13), do amor que prevaleça sobre tudo (13.1-13), da edificação como o objetivo do culto (14.1-33), da percepção da imoralidade sexual como sendo exatamente o que é (5.1-13; 6.12-20), da expectativa de que os casamentos sejam permanentes (7.1-40) — essas coisas no mínimo, e talvez mais algumas, são tão relevantes para nós como o foram para aqueles a quem foram inicialmente escritas. A minha oração é que este comentário nos ajude a ouvir a voz de Paulo, inspirada pelo Espírito, de maneira ainda mais clara em nossos dias.

# Texto, exposição e notas

- ☞ I. Introdução (1.1-9)
- II. Resposta a informações recebidas (1.10—6.20)
- III. Resposta à carta dos coríntios (7.1—16.12)
- IV. Assuntos finais (16.13-24)

## I. Introdução (1.1-9)

Quase todas as cartas do período greco-romano começam com uma saudação tríplice: nome do autor, para o destinatário, cumprimentos.<sup>1</sup> Com grande frequência, o item seguinte da carta era uma ação de graças e/ou uma oração aos deuses pela saúde ou bem-estar do destinatário.<sup>2</sup> As cartas de Paulo seguem essa forma-padrão; no entanto, em suas mãos até mesmo esses detalhes formais são tocados pelo evangelho de modo que se tornam inconfundivelmente cristãos.

- A. Saudação (1.1-3)
- B. Ação de graças (1.4-9)

<sup>1</sup>Todas as “cartas” verdadeiras do NT seguem esse padrão (incluindo a carta de Tiago em At 15.23-29), com exceção de 3João, à qual falta a saudação-padrão.

<sup>2</sup>Para uma coletânea bastante grande de exemplos dessas saudações em papiros, veja F. X. J. Exler, *The form of the ancient Greek letter of the epistolary papyri (3rd c. B.C.–3rd c. A.D.)* (Chicago, 1923), p. 23-68.

<sup>3</sup>Em geral, Paulo apresenta uma ação de graças, e em várias dessas ocasiões ele inclui um relatório de oração (veja, e.g., 1Ts 1.2-5; Fp 1.3-11). Para o exemplo cristão mais próximo no NT de como era na prática a oração, veja 3João 2: “Querido amigo, oro para que você desfrute de boa saúde e tudo vá bem com você, da mesma forma que sua alma vai bem” (NIV).

## I. Introdução (1.1-9)

### ☛ A. Saudação (1.1-3)

#### B. Ação de graças (1.4-9)

## A. Saudação (1.1-3)

As duas cartas anteriores de Paulo (1 e 2 Tessalonicenses) detalham pouco as três partes da saudação. Com os detalhamentos da saudação nessa carta Paulo inicia um hábito que manterá até o fim da vida. Em cada caso, os detalhamentos refletem, direta ou indiretamente, muitos dos assuntos que serão tratados na própria carta. Mesmo no momento em que se dirige formalmente à igreja na saudação, a mente de Paulo já está trabalhando nas seríssimas questões comportamentais e teológicas em pauta.

### A. Saudação (1.1-3)

## Exegese e exposição

<sup>1</sup>Paulo, chamado para ser apóstolo de Cristo Jesus<sup>1</sup> pela vontade de Deus, e nosso irmão Sóstenes,

<sup>2</sup>à igreja de Deus em Corinto, aos santificados em Cristo Jesus e chamados a ser seu povo santo,<sup>2</sup> junto com todos aqueles que em todo lugar invocam o nome de nosso Senhor Jesus Cristo, Senhor deles e nosso:

<sup>1</sup>Alguns mss mais antigos (✠ A b) e todos os posteriores têm a ordem inversa, Jesus Cristo (veja KJV). Mas essa ordem das palavras raramente ocorre em Paulo quando está se referindo a nosso Senhor pelo nome (exceto na fórmula-padrão “nosso Senhor Jesus Cristo”, sempre nessa ordem). Veja 2.2 e 3.11, que são exceções; mas em ambos os casos a ênfase recai sobre o Jesus terreno e sua crucificação, e não, como aqui, sobre o nome do Senhor exaltado, que comissionou seu apóstolo.

<sup>2</sup>Nos mais antigos e melhores mss tanto do Oriente quanto do Ocidente (P<sup>46</sup> B D F G b m; Ambrosiastro) a ordem das palavras é obscura: ἡγιασμένοις ἐν Χριστῷ Ἰησοῦ τῇ οὐσῃ ἐν Κορίνθῳ. Tanto Zuntz, p. 91-2, quanto Metzger, p. 478, consideram essa leitura “fundamentalmente difícil demais” e também “não paulina” para poder ser original e sugerem que houve uma “omissão acidental de uma ou mais expressões e sua posterior reintrodução na posição errada” (Zuntz). No entanto, nesse caso, para decidir qual a forma original, deve prevalecer a opção pela “leitura mais difícil”. É mais fácil imaginar escribas posteriores terem “corrigido” a ordem mais tosca do próprio Paulo do que escribas mais antigos terem omitido e então “corrigido”

# COMENTÁRIO EXEGÉTICO

## 1CORÍNTIOS

Este comentário é aclamado o melhor estudo já produzido sobre 1Coríntios. Escrevendo para pastores, professores e alunos de teologia, Gordon Fee oferece uma exposição acessível da carta, destrinchando seu conteúdo e sua ampla relevância teológica. Por essa razão, os aspectos mais acadêmicos da obra, como a interação com outros comentaristas, foram transferidos para as notas de rodapé. Outras características também se destacam. Em primeiro lugar, há um empenho do autor por estabelecer o contexto histórico e literário de 1Coríntios nas introduções de cada seção, reconstruindo assim os aspectos históricos e acompanhando o fluxo do argumento de Paulo, com o cuidado de fazer uma exegese de toda a carta à luz desses antecedentes. Em segundo lugar, a grande *expertise* de Fee na área da crítica textual permitiu que tratasse de cada variante textual que tivesse peso exegético, em alguns casos com bastante profundidade. Em terceiro lugar, o autor conclui quase cada seção com aplicações, o que demonstra sua preocupação de que a Palavra de Deus seja viva e pertinente aos dias de hoje.

Esta primeira edição em língua portuguesa é baseada na segunda edição inglesa de 2014, a qual leva em conta a extensa pesquisa acadêmica dos últimos 30 anos acerca dessa que é considerada uma das principais epístolas paulinas.

*“À luz da melhor tradição no academicismo evangélico, Fee produziu a mais completa interpretação de 1Coríntios publicada nesta geração.”*

**Journal of Biblical Literature**

*“Um comentário pormenorizado que merece figurar como uma das mais importantes obras já escritas sobre 1Coríntios.”*

**Anthony C. Thiselton, University of Nottingham**

**Gordon D. Fee** (PhD, University of Southern California) é professor emérito de Estudos do Novo Testamento na Regent College, em Vancouver, no Canadá, disciplina que também lecionou na Wheaton College e no Gordon-Conwell Theological Seminary. Fee é um dos organizadores da série de comentários New International Commentary on the New Testament e autor de várias obras, entre elas *Entendes o que lês?, Manual de exegese bíblica e Paulo, o Espírito e o povo de Deus*, publicados por Vida Nova.

